



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS
*CAMPUS PANTANAL***



**ALÉM DO SAROBÁ: DO MODERNISTA LOBIVAR AOS NOVOS OLHARES
POÉTICOS SOBRE AS 'MANCHAS NEGRAS' DA FRONTEIRA**

NELSON ABDNUR URT

**CORUMBÁ
2020**

NELSON ABDNUR URT

**ALÉM DO SAROBÁ: DO MODERNISTA LOBIVAR AOS NOVOS OLHARES
POÉTICOS SOBRE AS 'MANCHAS NEGRAS' DA FRONTEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre.

**Linha de Pesquisa: Ocupação e Identidades
Fronteiriças**

Orientador: Antônio Firmino de Oliveira Neto

**CORUMBÁ
2020**

URT, Nelson Abdnur. Além do Sarobá: do modernista Lobivar aos novos olhares poéticos sobre as ‘manchas negras’ da fronteira. 70 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – CPAN/UFMS.

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Antônio Firmino de Oliveira Neto
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

1º avaliador
Profª. Drª. Maria Helena da Silva Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

2º Avaliador
Profª. Dra. Lucilene Machado Garcia Arf
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Corumbá, 27 de março de 2020

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio Firmino de Oliveira Neto, que com paciência, tenacidade e olhar geográfico guiou meus passos na elaboração do relatório de qualificação e desta dissertação.

Aos Profs. Drs. Carlos Martins e Lucilene Machado pelas críticas e orientações que me trouxeram novos rumos na banca de qualificação.

Ao Prof. Dr. Marco Aurélio Machado de Oliveira pelo incentivo e orientações na elaboração do pré-projeto para o Mestrado em Estudos Fronteiriços, pelos ensinamentos compartilhados nas aulas do Mestrado e nas ações do Circuito Imigrante.

Ao Prof. Dr. Alfredo Ricardo Lopes, que me abriu os caminhos interdisciplinares da História e Literatura, e me forneceu a base teórica para inspiração e escolha deste tema.

Aos professores do Mestrado em Estudos Fronteiriços, que me proporcionaram uma nova perspectiva nos conceitos sobre fronteira, ocupação e identidades, e ampliaram meu entendimento sobre história, geografia, literatura, pesquisa, teoria literária, sem os quais seria impossível construir este trabalho coletivo.

A todos os professores da graduação em História, turma de 2014 a 2017, que me forneceram os ensinamentos e a base para a construção deste trabalho.

À Lila Urt, do Colégio Franciscano São Miguel, minha primeira professora, em nome da qual estendo agradecimentos a todos os demais professores do ensino básico.

Aos colegas de Mestrado, com os quais pude compartilhar saberes, apreensões, conflitos, dúvidas, ansiedade, espinhos e rosas nesta caminhada.

Aos poetas, contistas, romancistas, artesãos, artistas plásticos, estilistas, enxadristas e professores integrantes da ação Passa na Praça que a Arte te Abraça, coordenada pelo ativista Benedito C.G. Lima, permanente fonte de pesquisa, incentivo e inspiração para a elaboração deste trabalho.

*Pretinhos esmolambados,
rasgados,
não tem pão, comem terra,
não tem roupa, andam nus.
- Fé em Deus, viva a Pátria e... chova arroz!
(MATOS, 1936, p.69-70)*

URT, Nelson Abdnur. Além do Sarobá: do modernista Lobivar aso novos olhares poéticos sobre as ‘manchas negras’ da fronteira. 70 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – CPAN/UFMS.

RESUMO

O fenômeno da favelização no Brasil, iniciado no período pós-abolição, com a exclusão e reclusão da população de baixa renda em barracos erguidos em áreas periféricas, em contraponto com o desenvolvimento urbano reservado a classes sociais privilegiadas pelo sistema vigente, tornou-se pano de fundo de uma poesia social preocupada em recriar esses subterrâneos, suas mazelas e seus personagens. São os poetas modernistas, nas primeiras décadas do século XX, que vão dar voz aos invisíveis e trazer à tona os lugares, o cotidiano e os dramas dos desgraçados e miseráveis – um lado da cidade que, sem eles, permaneceria oculta e esquecida, transcrito apenas nas páginas policiais dos jornais. Entre esses escritores emerge o poeta corumbaense Lobivar Matos, que vai beber da fonte modernista para compor suas duas únicas obras publicadas, *Areôtorare* (1935) e *Sarobá* (1936). A problemática deste estudo está dividida em três capítulos. A primeira foi saber se, passados 83 anos, outras favelas Sarobá, como bolsões de pobreza, continuam a “manchar” a cidade mais branca do mundo, como se referia Lobivar ao bairro de negros da rua Delamare, em Corumbá. O segundo capítulo dedica-se a identificar entre os poetas corumbaenses os seguidores de Lobivar, aqueles que se deixaram influenciar por essa poesia engajada, pautada pela crítica social. O último capítulo questiona se a Biblioteca Municipal Lobivar Matos, acervo do patrimônio histórico e cultural do Mato Grosso do Sul, recebe a atenção devida do poder público por meio de projetos e medidas concretas para preservação e funcionamento, enquanto “memória da humanidade”.

Palavras-chave: Fronteira; História; Literatura; Poesia, Favelização; Modernismo

URT, Nelson Abdnur. Além do Sarobá: do modernista Lobivar aso novos olhares poéticos sobre as ‘manchas negras’ da fronteira. 70 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – CPAN/UFMS.

ABSTRACT

The phenomenon of slums in Brazil, which started in the post-abolition period, excluding and secluding the low-income population in high-rise shacks in peripheral areas, in contrast to the urban development reserved for social classes privileged by the current system, based on poetry social concern to recreate these undergrounds, their ills and their characters. It is the modernist poets, in the first decades of the 20th century, who will give a voice to the invisible and bring to the places, the daily life and the dramas of the wretched and miserable - a side of the city that, without them, will be hidden and forgotten, transcribed only on the police pages of newspapers. Among these writers, the poet from the state of Amazonas Lobivar Matos emerges, who will drink from the modernist source to compose his only two recorded works, *Areôtorare* (1935) and *Sarobá* (1936). The problem of this study is divided into three chapters. The first was known, after 83 years, other Sarobá slums, as pockets of poverty, continue to "tarnish" the whitest city in the world, as Lobivar refers to the black neighborhood of Rua Delamare, in Corumbá. The second chapter is dedicated to identifying among the Corumbaense poets and the followers of Lobivar, those who were influenced by this engaged poetry, guided by social criticism. The last chapter of the question is about the Lobivar Matos Municipal Library, the historical and cultural heritage of Mato Grosso do Sul, which receives due attention from the government through projects and concrete measures for conservation and execution, as “memory of the population”.

Keywords: Border; Story; Literature; Poetry, Favelization; Modernism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. LENDAS BORÓROS E EX-ESCRAVIZADOS NO FOCO DO AUTOR....	12
1.1 Poeta aborda o drama cruciante dos desgraçados.....	12
1.2 O Sarobá contemporâneo: venda de drogas e quilombola.....	19
2. LITERATURA DA FRONTEIRA RECONSTRÓI PERSONAGENS.....	26
2.1 A poesia social de Lobivar e seus seguidores quase desconhecidos.....	26
2.2 A intertextualidade entre as poesias de Lobivar e Chumbo Grosso.....	30
2.3 Das Marias da poética lobivariana à literatura contemporânea.....	34
2.4 Modernista, Lobivar optou por descrever o drama dos desgraçados.....	39
3. BIBLIOTECA LOBIVAR MATOS: PATRIMÔNIO AMEAÇADO.....	46
4. CONCLUSÃO.....	47
5. REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS.....	52
ÍNDICE	63

INTRODUÇÃO

A incorporação de um determinado espaço para fazer dele um campo de experiências, inquietações, ideias e imaginações foi uma das prerrogativas do movimento modernista, que no Brasil surgiu com a Semana de Arte Moderna de 1922 e ganhou impulso e seguidores na arte literária, no teatro, na música, no cinema, nas artes plásticas, no jornalismo. Mesmo que esse espaço seja marcado pela sordidez, algo como um estado de imundice, repugnante, caracterizado por miséria e abandono. Por esse prisma, Em Nova Poética, publicada pela primeira vez em 1930, o poeta Manuel Bandeira desvela sua inquietação modernista e critica as convenções do lirismo bem-comportado ao mesmo tempo em que propõe: “Vou lançar a teoria do poeta sórdido. Poeta Sórdido: aquele em cuja poesia há a marca suja da vida”.

Essas mesmas inquietações modernistas estão presentes em duas das mais emblemáticas obras de Corumbá, lançadas no começo do século XX, com a assinatura de Lobivar Matos (1915-1947): Areôtorare – poemas bororos, de 1935, e Sarobá, de 1936. Lobivar, que se denominou “o poeta desconhecido”, merece lugar na categoria de “poeta sórdido” ao mergulhar nas profundezas da miséria para buscar o imaginário da sua poesia, revelar a “mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo”, como define o Sarobá, o bairro de negros de Corumbá naquela terceira década do XX.

Lobivar se apropria do lugar, descrito no prefácio do livro como “templo eterno da miséria”, que no período pós-abolição acolheu miseráveis e tornou-se refúgio das camadas sociais marginalizadas pela elite dominante. Na extremidade leste na rua Delamare, naquele período a periferia de uma cidade com cerca de 15 mil habitantes, ficava “o lugar sujo, onde os brancos raramente penetram e assim mesmo, quando o fazem, se sentem repugnados com a miséria e a pobreza daquela gente”.

Como objetivo principal, este estudo propõe identificar como Corumbá dialoga com o legado literário do poeta modernista, por meio de pesquisa de campo no bairro Borrowski, onde ficava a favela Sarobá e seu entorno no extremo leste da rua Delamare, em abordagens a moradores e frequentadores dos becos, vilas e ladeiras da zona portuária, nas observações em bibliotecas e museus, além da pesquisa bibliográfica e da captação de material digitalizado.

Passados 83 anos da publicação daquelas obras, este estudo busca vestígios do que restou do bairro de negros e como Corumbá enxerga e convive, nesta segunda década do século, com a ex-favela Sarobá. Ela existe no mapa da cidade ou se mantém invisível, como convinha assim mantê-la as classes dominantes de empresários e comerciantes no período pós-abolição? O Sarobá se perpetua como bolsão de pobreza na cidade fronteiriça neste século XXI ou deu lugar para empreendimentos imobiliários que derrubaram os casebres de pau a pique, sedimentaram seu passado tal qual catedrais católicas foram alicerçadas sobre templos incas e maias na chegada da “civilização europeia” ao continente americano? Onde estaria situado hoje o Sarobá, antes confins da periferia, na nova geografia populacional da cidade?

Partindo da premissa de que, para responder tais indagações e inquietações, é preciso “revisar o lugar, encontrar novos significados”, conforme Milton Santos. Até que ponto se assemelham a ex-favela com o bairro Borrowski que passou a denominar aquela área no extremo oeste da rua Delamare? Borrowski que ninguém sabe quem é, de onde veio, o que fazia, para onde foi. “Era um gringo que fabricava barcos no porto”, afirmam moradores, sem saber exatamente a quem se referem. Ainda existem traços de favelização naquele último quarteirão da rua Delamare?

Como objetivos específicos, o trabalho visou problematizar como o acervo literário do escritor, composto pelos dois livros raros e originais, com edição esgotada, como parte de um acervo maior de 30 mil itens, é protegido, conservado e gerenciado pelo Município, levando-se em conta o inestimável significado histórico e patrimonial contido nas obras de Lobivar e de outros autores. A Biblioteca Municipal Lobivar Matos, criada em 1948, recebeu este nome em 1975, por força de decreto assinado em Cuiabá, a capital de Mato Grosso, antes da divisão do Estado.

Este estudo objetiva ainda identificar seguidores de Lobivar na literatura textual ou oral, autores de vertentes poéticas que trazem à tona o cotidiano complexo da fronteira Brasil-Bolívia, e por meio deles tentar reconstituir os Sarobás do século XXI, com os seus personagens, figuras populares, mazelas, inquietações e esperanças, próprias daqueles relegados aos espaços periféricos.

Como afirma J.L. Borges em *Kafka e seus precursores* (1951), “o fato é que cada escritor cria seus precursores”, e dentro desse contexto buscou-se autores que tenham se alinhado à poesia com “a marca suja da vida” de Lobivar. Procurou-se identificar entre os escritores

contemporâneos a poesia com vertente na crítica social, subterrânea, que traz para a superfície o mundo invisível dos desgraçados.

O método deste trabalho está baseado em abordagens, observações, pesquisa bibliográfica e anexos contendo material mais detalhado como poesias completas, entrevistas e palestras publicadas em sites, jornais e revistas, além de fotos produzidas durante eventos e encontros culturais na região fronteiriça configurada por Corumbá, Ladário, Puerto Quijarro e Puerto Suarez.

Raffestin é aqui utilizado para reforçar a noção de fronteira como um “fato social”, ao mesmo tempo material e moral, local de intercâmbio de produções culturais e materiais. Dessa forma busca-se ir além da concepção reducionista de fronteira como noção de limite e demarcação de soberanias. Em contraposição à essa visão simplista, procurou-se entender o sujeito como sua própria fronteira. Pela população passam todas as relações de poder, onde residem as capacidades virtuais de transformação, elementos dinâmicos de onde precede a ação. (RAFFESTIN, 2003)

Até o século XIX a fronteira foi tratada por diplomatas, juristas, geógrafos, historiadores e militares como redefinição de limites e demarcação de territórios. A partir do século XX e começo do XXI emerge um olhar antropológico e sociológico para a questão, ressaltando-se a necessidade de entender o outro, as relações de troca, o hibridismo social e cultural (ALBUQUERQUE, 2009). Nas regiões de fronteira há complementaridades de toda ordem, o que as transforma em subsistemas abertos pouco condicionados às amarras das burocracias estatais (OLIVEIRA, 2005). Fronteira, no seu sentido etimológico, é algo que está à frente, é o lugar a ser ocupado para em seguida ser territorializado, conforme Machado.

A fronteira é dinâmica, está em constante movimento, e conforme avança também busca marcar sua territorialização. É lugar de comunicação e troca. Os povos podem se expandir para além do limite jurídico do Estado, desafiar a lei territorial de cada Estado limítrofe, criar uma situação de fato, potencialmente conflituosa, obrigando a revisão dos acordos diplomáticos (MACHADO, 2000)

Buscando ampliar sua fronteira, Lobivar Matos é o estudante e poeta corumbaense que migra aos 18 anos para o Rio de Janeiro, partindo de Campo Grande, para cursar Direito. No Rio se integra ao movimento modernista, colabora como redator para a revista Fon Fon e publica suas obras. Ele retorna às origens para voltar a viver em Corumbá e depois Cuiabá, a capital de Mato Grosso, ainda unificado. Regressa ao Rio e morre, doente, aos 32 anos.

Ao deixar como legado suas duas obras publicadas, além de 14 contos e 40 poemas inéditos em mãos de familiares, Lobivar proporcionou compor este estudo com a proposta de ressignificar a favela Sarobá e reincorporar as “manchas negras” ao mapa da Cidade Branca, como forma de levar esses resultados ao conhecimento da população, principalmente aos estudantes da rede pública. Conscientes de que este estudo é uma abertura para novos debates e reflexões sobre aonde o escritor queria chegar, recorreu-se a Merleau Ponty para lembrar que “a existência humana é algo nunca acabado, sempre necessitando de novas interrogações”. Sobre Lobivar, convém ressaltar que “suas observações acerca dos homens e de suas comunidades permanecem atemporais, porque ainda revelam o desejo de opressão do ser humano para com seus pares” (BARZOTTO, 2012)

1. LENDAS BORÓROS E EX-ESCRAVIZADOS NO FOCO DO AUTOR

1.1 Poeta aborda o drama cruciante dos desgraçados

Após a abolição, o bairro Sarobá, na extremidade da rua Delamare, tornou-se reduto de ex-escravizados, resultado da política de embranquecimento do Brasil, que legou aos imigrantes o papel de dirigir a miscigenação das raças no País, como mentores da “civilização”. A meta era “apagar a mancha negra” deixada pelo sistema escravocrata, no qual Corumbá estava circunscrita, como povoado fundado em 1778, e que teve como base de sua formação cidadã uma elite formada por imigrantes. “Nos becos, nos locais desvalorizados, recém-libertos e seus descendentes construíram suas moradas. Era nesses guetos sórdidos que se alojavam os homens livres e pobres, excluídos sem rodeios dos espaços burgueses” (CANCIAN, 2006).

Em “A Elite do Atraso”, Jessé Souza discute o estigma de uma nova classe social, que chama provocativamente de ralé brasileira, formada como principal sequela e resquícios do sistema escravocrata adotado legalmente durante 388 anos no Brasil, último país a decretar a abolição:

O excluído, majoritariamente negro e mestiço, é estigmatizado como perigoso e inferior, e perseguido não mais pelo capitão do mato mas sim pelas viaturas de polícia com licença para matar pobre e preto. Obviamente, não é a polícia a fonte da violência mas as classes média e alta que apoiam esse tipo de política pública informal para higienizar as cidades e calar o medo do oprimido e do excluído que construiu com as próprias mãos. E essa continuação da escravidão com outros meios se utilizou e se utiliza da mesma perseguição e da mesma opressão cotidiana e selvagem para quebrar a resistência e a dignidade dos excluídos. (SOUZA, 2017, p.83)

Em *Areôtorare* – poemas boróros, de 1935, e *Sarobá*, de 1936, Lobivar Matos aborda o cenário, os personagens e as mazelas do reduto de ex-escravizados em Corumbá no começo dos anos 1930, escrevendo: “Bairro de negros/casinhas de lata (...) Bairro de negros/chinfrim, bagunça, Sarobá” (MATOS, 1936, p.09-10). Em sua curta produção literária, interrompida pela morte precoce aos 32 anos, motivada por uma úlcera, Lobivar deixou também uma coleção de contos e outros poemas não publicados, hoje em poder de seus familiares, mas que aqui não receberão análise aprofundada pelo fato de se pretender focalizar unicamente o acervo do poeta modernista constituídos por seus dois livros editados na antiga Capital Federal.

O propósito de dar voz aos invisíveis e desvelar as mazelas do espaço que lhes restou habitar na década de 30, quando Corumbá possuía em torno de 15 mil moradores, ficou latente

nas duas obras. No terceiro parágrafo do prefácio de *Areôtorare*, Lobivar se colocou como um seguidor do modernismo, que Massaud Moisés vai definir como “uma arte de metamorfose” e, entre nós, “principia em 1922 com a Semana de Arte Moderna, e desenrola-se pelas décadas seguintes, ao longo de uma série de correntes”, entre elas a “literatura engajada” (MOISÉS, 2004), na qual vai se amoldar a ars poética do escritor.¹

“Quebrando os velhos moldes, abandonando os temas irrisórios, dando largas ao pensamento livre, os poetas da geração moderna são obrigados a falar nas coisas humildes, os dramas cruciantes dos desgraçados, dos miseráveis, dos parias sem pão, sem amor e sem trabalho”. (MATOS, 1935)

Com poemas e crônicas publicados em jornais de Mato Grosso (uno até a divisão e o surgimento de Mato Grosso do Sul em 1977) e na revista *Fon-Fon*, fundada em 1914 no Rio de Janeiro, e que teve o pintor Di Cavalcanti como colaborador, Lobivar de Matos recebeu de críticos literários a definição de poeta modernista. O jornalista José Octavio Guizzo dedicou quatro páginas de reportagem ao traçar um perfil do poeta na revista *Grifo* de setembro de 1979, publicada pela Editora Matogrossense em Campo Grande. “Não fora um homem, fora uma convulsão humana”, constata Guizzo ao definir Lobivar.

A doutora em Historiografia Literária Susylene Dias de Araújo debruçou-se sobre a vida e obras de Lobivar Matos, autodeclarado “o poeta desconhecido”, desde que escolheu o autor como tema de dissertação de mestrado em 1999. Com novos dados, em 2014 a pesquisadora lançou “A vida e obra de Lobivar Matos: o modernista (des)conhecido” (Editora Life, 2014), uma versão de sua tese de doutorado. “As personagens encontradas na maioria de seus poemas foram homens e mulheres pobres e excluídos, moradores do Sarobá, lugar por ele mesmo definido como “a mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo”. (ARAÚJO, 2014, p.13).

O lugar é uma referência pragmática do mundo, mas também é o teatro insubstituível das paixões humanas, conforme Santos. “Explorar essa espacialidade é ir além das revelações

¹ Paradoxalmente, o “modernismo” é um designativo que vem resistindo à corrosão do tempo, a ponto de não se deixar substituir por nenhum outro. Tudo se passa como se nomeasse uma estética literária que sobrevivesse aos vendavais, às arremetidas dos opositores ou dos visionários, uns e outros ansiosos por fincar a sua bandeira revolucionária em território inimigo”. (...) Na verdade, há várias doutrinas modernistas, uma para cada sub “ismo” que o modernismo englobou ou em que se desmembrou no fio do tempo (Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo, etc.), mas cuja soma não o identifica, ideologicamente, como um todo. (MOISÉS, 2004, p.304)

físicas (...), é descobrir sentimentos e como os atores desse tempo se relacionavam com os lugares frequentados ou recriados dentro da imaginação do poeta” (SANTOS, 2008, p.322).

Na introdução do capítulo “O lugar e o cotidiano” (A natureza do espaço), Milton Santos cita Tolstoi: “para ser universal, basta falar de sua aldeia”. E lembra a metáfora proposta por Pascal, segundo a qual “o universo é visto como uma esfera infinita, cujo centro está em toda parte”. (SANTOS, 1994, p. 313, apud Jean-Claude Beaune, 1994, p.54). Nesse aspecto, o espírito inquieto do poeta modernista Lobivar Matos elege o cotidiano do Sarobá como pano de fundo para descrever a situação de penúria reservada a ex-escravizados e seus descendentes após a abolição, não só em Corumbá, mas em muitos outros cenários no período pós abolição. Neste trecho do poema Cartaz de Sensação ele revela o retrato da fome:

(...) O preto não encontra trabalho na rua/e a barriga da negra vive sempre estufada/Pretinhos esmolambados/rasgados/não tem pão, comem terra/não têm roupa, andam nus/Fé em Deus, viva a Pátria e...chova arroz! (MATOS, 1936, P.69-70)

Conforme descreve a pesquisadora Elaine Cancian, desde os primeiros tempos da extração de ouro no Mato Grosso, quando a cobrança de impostos era organizada sobre a quantidade de ouro extraído, tem-se a notícia da entrada de trabalhadores escravizados em arraiais, fundados em locais onde metais preciosos eram encontrados.

Em 1728, 2607 escravos foram registrados nos livros de arrecadação da então Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá. (...) As construções rústicas das povoações e vilas fundadas nas terras mato-grossenses eram elevadas pelos cativos. Também durante as viagens pelo desconhecido território sul-mato-grossense, paulistas e europeus eram auxiliados por cativos. (...) O trabalhador escravizado labutou igualmente na construção das obras necessárias à defesa territorial: nos destacamentos de Casal-Vasco, das Pedras, nos Fortes Coimbra, do Príncipe da Beira, Fortim de Nossa Senhora da Conceição (...) nos Arsenais da Marinha e da Guerra...(CANCIAN, 2006, p.125-126)

As tarefas mais árduas dependiam da força dos muitos trabalhadores escravizados. Era uma missão que exigia cativos habilidosos na retirada das pedras das pedreiras, para preparar o barro e a madeira.

A falta de moradias para os próprios agentes da Coroa era premente e tornava-se um problema maior, considerando a missão de ocupação, de povoamento e de construção da fortificação. O próprio Luiz de Albuquerque informou em carta ao rei de Portugal que, ao chegar ao local onde mandaria construir o forte Príncipe da Beira, foi obrigado a instalar-se “nas casas” que haviam sido da

“preta Anna Moreira”, descrita como habitação com alpendre na frente e com cobertura inferior e escura “por falta de janelas como costumam ser as casas que são dos pretos” (CANCIAN, 2006, p.127)

O comerciante Manoel Cavassa chegou a Corumbá em 1857 e levantou a primeira construção de alvenaria em 1858, conforme deixou registrado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do Rio de Janeiro, no qual descreveu como era Corumbá nesse período. Em 1861, portanto, três anos antes do início da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, a população de Corumbá era de 1315 habitantes, dos quais 44 trabalhadores escravizados e 84 estrangeiros. Até 1864, no espaço urbano de Corumbá havia 36 casas construídas em pau-a-pique e 29 em fase de construção, além de 109 ranchos de palha. Corumbá foi invadida em janeiro de 1865 e ficou em poder dos paraguaios durante dois anos. Terminada a guerra, das 171 casas de barro e palha e dos 109 ranchos cobertos de palha restaram apenas 20. A casa de alvenaria do comerciante Manoel Cavassa também foi destruída. Após a expulsão dos paraguaios e a retomada da cidade, a partir de 1867, a população iniciou a reconstrução das moradias. Por volta de 1873, 455 casas de pedra e cal, cobertas de telhas, estavam edificadas, além de 25 moradias em construção. Entre os trabalhadores escravizados, a atividade de pedreiro passou a ser mais valorizada. O preço médio de um cativo pedreiro sempre obteve a cotação mais alta nos anos seguintes até a abolição em 1888, de acordo com registros na obra de Lúcia Helena Aleixo. As casas de alvenaria substituíram as moradias de barro e palha, que passaram a ser destinadas aos pobres.

Muitas cidades nasceram do barro e da palha. Com o tempo, muitas dessas construções foram sendo substituídas pelas edificações de pedra, cal e tijolo, mais seguras e mais duráveis. Entretanto, as singelas casas de uma porta e janela, feitas de barro e cobertas de palha, ultrapassaram o período da colonização e chegaram ao século XIX, sendo então as moradias características dos homens pobres, dos ex-cativos, do trabalhador rural. (CANCIAN, 2006, p. 135)

As Classificações sobre os cativos existentes na vila de Santa Cruz de Corumbá entre 1873 e 1877 registram que muitos proprietários locais possuíam pelo menos um escravizado para realizar as tarefas diárias. O levantamento foi de autoria da historiadora Eunice Ajala Rocha, que desenvolveu pesquisa pioneira sobre a presença negra em Mato Grosso, especificamente em Corumbá. (BRAZIL, 2006). O livro de Classificação de Cativos apontou os três proprietários de Corumbá com o maior número de escravos em 1885: o Barão de Vila Maria, com 39 escravos, José Caetano Metelo, com 34, e Firmiano Firmino Ferreira Cândido, com 21 (BRAZIL, 2006). Ser proprietário de trabalhador escravizado representava muito mais

que reconhecimento social, já que ele significava fonte de renda e de trabalho (CANCIAN, 2006).

Lobivar viveu dos 13 aos 18 anos em Campo Grande, onde colaborou com o periódico *Folha da Serra*, em parceria com Cecílio Rocha e Etumbirdes Serra, aos quais o jornalista José Octavio Guizzo chamou de “a tríade da iniciação modernista mato-grossense”. Guizzo reconhecia em Lobivar qualidades de poeta diferenciado, avesso às métricas do soneto, afastado das formas fixas da poesia, na contramão do tradicional parnasianismo brasileiro.

O próprio Lobivar, ao prefaciare *Areôtorare*, revela a escolha por sua estética em uma época que considera não muito favorável à poesia e aos poetas:

(...) hoje em dia, nas horas rápidas que passam, cabe aos poetas um papel mais importante na comédia dramática da vida. Foram-se os tempos em que eles faziam da Arte um divertimento espiritual. Eram egoístas. Falavam de si, de suas tristezas, de suas mágoas, de seus amores, de suas emoções, tudo em formas apropriadas, nos quartetos de rimas ricas ou nos sonetos metrificados a rigor. Hoje os poetas refletem os anseios, as revoltas, as durezas amargas da época e do meio em que vivem. (MATOS, 1935)

Nesse ponto, Lobivar estaria, veladamente, tecendo uma autocrítica sobre seus primeiros trabalhos, que datam de 1933, mas não foram publicados pelo autor e hoje se encontram nos arquivos de familiares. O inédito *Rendas de Interrogações* revela a face intimista, autobiográfica e erudita em poemas que falam de amor, felicidade, saudade, mãe, minha vida e o *Poema a Campo Grande*, em contraposição com o “poeta sórdido” da fase modernista.

Ao mesmo tempo em que recebe a carga de influência da efervescente Capital Federal, em um período de transformações políticas, sociais e culturais, Lobivar mantém o eixo regionalista como base do seu trabalho ao chegar ao Rio de Janeiro para cursar Direito, com o sonho de se tornar escritor na bagagem. Seu primeiro salto foi se tornar colaborador de periódicos e revistas, entre elas a *Fon Fon*, revista semanal, ilustrada, publicada durante 51 anos no Rio de Janeiro. A partir de 1948, com a chegada do editor Sérgio Silva, a *Fon Fon* adotou uma linha editorial com viés modernista e debates emancipadores, tanto que um dos seus artigos, em janeiro de 1936, colocava em pauta os prós e contras do feminismo em meio a uma sociedade conservadora e patriarcal.

Era este cenário, com todas as particularidades e ingredientes de um grande centro urbano, propício para o jovem Lobivar desenvolver seu papel na literatura, como escritor e

leitor de uma época que vai transportar para seus poemas, buscando o sentido universal sem se distanciar da temática regional. A literatura, desse modo, não pode estar apenas no texto, como não está no autor, nem no leitor. Ela constitui-se numa dinâmica que a todos envolve e compromete, numa unidade de movimento intensamente dialética (RIBEIRO, 2000).

Há diferentes formas e significados ao se ler Lobivar, conforme esclarece Luis Felipe Ribeiro em *Literatura e História: uma relação muito suspeita*, o que nos ajuda a entender como uma publicação do começo dos anos 30 pode parecer tão atual e atualizada, a ponto de merecer novos estudos.

O leitor constitui-se, a cada leitura, numa realidade histórica distinta, sofrendo condicionamentos variados, originários de sua inserção social e cultural. Uma mesma pessoa física, ao reler um livro, ainda que imediatamente à primeira leitura, já não é o mesmo leitor. É um novo leitor, cujo cabedal de leituras inclui essa primeira, que se transformará em elemento de produção de sentido da releitura iniciada. Cada um lê com os instrumentos de sua época e de sua cultura, que conseguiu amearhar. A um capital maior, um maior dividendo de significações. O leitor, sem deixar de ser pessoa individual, é necessariamente uma realidade social e histórica. Na sua leitura, inscrevem-se as marcas de seu tempo, de sua cultura, de suas preferências, de seu desejo e de sua loucura...(RIBEIRO, 2000)

A literatura, como toda arte, não pode ser vista como algo estático: mesmo uma obra terá diferentes maneiras de ser lida e conceituada pelos leitores, dependendo do tempo e do espaço em que se circunscreve a referida obra e o próprio leitor. Cada momento é único, há diferentes formas de leitura no tempo (CHARTIER, 2000). Da mesma forma, o contexto histórico e social no qual se insere a obra e o autor torna-se preponderante no momento de se fazer a análise das obras e dos autores literários pesquisados, para melhor entendimento da realidade de determinados fenômenos que se estabelecem no presente e das mensagens que pretendem propagar aos leitores. A respeito do papel da literatura, Valdeci Rezende Borges diz:

(...) ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular. (BORGES, 2010)

Um livro não é um monumento; é uma dinâmica, é o processo de sua circulação que lhe dá existência social. Daí a importância da releitura dos livros e dos estudos que se passaram a fazer sobre as obras de Lobivar Matos desde o final do século passado. Nesse aspecto, a reportagem publicada pelo jornalista José Octavio Guizzo na revista Grifo em 1979 e o livro “Lobivar Matos, o poeta desconhecido”, de autoria de José Pereira Lins, em 1994, trazem luz e tornam-se referências memorialistas sobre a obra e vida do poeta, apropriada no sentido de trazer a lume um escritor até ali lido com certas reservas por se tratar de um modernista.

Um livro do qual não se fala, que não se lê, não existe enquanto literatura. Ninguém lhe há de negar existência enquanto objeto material palpável, mas será inevitável negar-lhe, no contexto contemporâneo, existência histórica e social. Uma literatura não é uma biblioteca; é um processo vivo de produção, circulação e consumo de discursos. (RIBEIRO, 2000).

Ainda sobre o papel de literatura, Massaud Moisés diz:

A literatura opera exatamente no plano em que o homem vive a vida como luta, tomada de consciência da morte e da precariedade do destino humano. Tal homem não se acomoda, não se torna feliz; muito pelo contrário. E quanto mais se indaga, mais se inquieta, e por isso vive integralmente num permanente círculo vicioso. Aí entra a literatura (MOISÉS, 1973, pv.124).

Nesse aspecto, Antoine Compagnon, em *Literatura para quê?*, define literatura como exercício de reflexão e experiência de escrita:

A literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos (COMPAGNON, 1999, p.26).

1.2 O Sarobá contemporâneo: venda de drogas e quilombola

O Sarobá dos anos 1930 teve seu nome apagado do mapa mas guarda os reflexos do espaço periférico e marginalizado, mesmo agora conhecido como Borrowiski, conforme descrito pela pesquisadora Susylene de Araújo:

“O lugar que fica nas proximidades da região portuária de Corumbá não é mais chamado de Sarobá, e aos negros miseráveis se juntaram os brancos desempregados, os bolivianos em busca de uma nova pátria, os pescadores saudosos da abundância de peixes no rio Paraguai, os mendigos do velho prédio da alfândega e mais alguns desafortunados a compor o quadro humano da paisagem que se estende até o Porto Geral” (ARAÚJO, 2014, p.104)

Quando aparece no noticiário o bairro quase sempre está relacionado a ações policiais de apreensão de drogas. Ao lado da área onde ficava a favela do Sarobá, há um estreito corredor que liga as ruas Delamare e 13 de Junho, na área que ficou conhecida como Beco da Morte. O mito do “beco sujo”, citado nos poemas de Lobivar nos anos 1930, transpõe o século, atormenta e confunde o cotidiano dos moradores do Borrowiski, frequentemente tratados como usuários ou vendedores de drogas. Em uma das extremidades do beco há um ponto de venda de drogas. “Estamos aqui fazendo o nosso trabalho, não mexemos com ninguém e ninguém mexe com a gente, tem gente boa morando por aqui, gente que nasceu no bairro”, explica uma garota no ponto de venda, conhecido popularmente como *boca de fumo*. A poucos metros dali, seguindo pela rua 13 de Junho, há um conjunto de casas conhecido como Favelinha, com uma viela entre os casebres de alvenaria que já foram barracos de madeira e zinco. O fenômeno da favelização ocorre no Brasil no período pós-abolição, quando uma grande parcela da população, em vulnerabilidade, passou a construir habitações nos espaços periféricos destituídos de infraestrutura e distantes do poder do Estado. Entre a favela Sarobá dos anos 30 e as favelas catalogadas hoje na cidade de Corumbá, observam-se traços e problemas semelhantes, como falta de segurança e infraestrutura, provocadas pelo abandono do poder público.

A construção do território revela relações marcadas pelo poder, e a territorialidade implica em relações existenciais e produtivas, conforme Raffestin:

De acordo com a nossa perspectiva, a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens "vivem", ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele. (RAFFESTIN, 1993, p.158)

O mito do beco sujo é um estereótipo criado pela necessidade de manter o bairro como periférico, dominado por bocas de fumo, local onde ninguém faz questão de passar ou habitar. Nesse mesmo espaço, porém, convivem quilombolas – integradas por ribeirinhos que cultivam o solo lamacento das barrancas do rio Paraguai – comunidades negras organizadas, associação de pescadores, terreiros de religiões afrodescendentes, que buscam seus direitos civis por meio do trabalho e da cultura afrodescendente. É o outro lado da dinâmica social observada por

Milton Santos como oportunidade de encontrar novas práticas e normas para buscar o futuro sonhado.

Por serem "diferentes", os pobres abrem um debate novo, inédito, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e as coisas já presentes. É assim que eles reavaliam a tecnoesfera e a psicoesfera, encontrando novos usos e finalidades para objetos e técnicas e também novas articulações práticas e novas normas, na vida social e afetiva. Diante das redes técnicas e informacionais, pobres e migrantes são passivos, como todas as demais pessoas. É na esfera comunicacional que eles, diferentemente das classes ditas superiores, são fortemente ativos. Trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado como carência a satisfazer - carência de todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania. Esse futuro é imaginado ou entrevisto na abundância do outro e entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo mundo e percebidas no lugar. (SANTOS, 1996, p.221)

Afrodescendente em sua maior parcela, a população de Corumbá, hoje com mais de 110 mil habitantes, distribui-se pelo Centro, pelos bairros Aeroporto, Universitário, Maria Leite, Centro América, Orla portuária (Cervejaria, Beira-Rio) e pelos bairros da parte alta como o Nova Corumbá (o mais populoso deles), convivendo em suposta igualdade racial muitas vezes desmascarada por registros de racismo, preconceito e intolerância, assim como ocorre em todo o País.

Somando-se a população preta e parda, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2010, Corumbá contava com 73.052 habitantes (70,44%) que, pela legislação vigente para efeito de cotas raciais, são considerados negros. Os registrados como brancos eram 29.000 (27,96%), os amarelos 1.252 (1,21%) e os indígenas 398 (0,38%). O município é o quarto mais populoso do Estado de Mato Grosso do Sul.

De acordo com estudo divulgado em 2017 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que analisa taxas de homicídios no país, Corumbá ocupava a 149ª posição entre os municípios de mais de 100 mil habitantes menos violentos do Brasil. A pesquisa considerou mortes por agressão (homicídios), com 31 assassinatos, e mortes violentas por causas indeterminadas (MVC), com 3 assassinatos. Na soma, 32,3 mortes por 100 mil habitantes. Corumbá, porém, possui uma taxa superior à da capital Campo Grande, que de acordo com o IPEA registrou a taxa de 23,4 mortes para cada 100 mil habitantes. No Brasil, somando-se os 304 municípios com mais de 100 mil habitantes pesquisados, essa taxa atingiu a média de 28,9 mortes por cada 100 mil habitantes, o que correspondeu a 59.080 homicídios naquele ano ou 161,8 mortes por dia, números que refletem uma sociedade violenta.

Em Corumbá, os traços da herança da etnia indígena guató também estão incorporados à população urbana, com famílias concentradas no bairro Cristo Redentor, parte alta da cidade, além de cerca de 300 remanescentes da etnia que vivem em uma aldeia na ilha de Insua, a 280 km de Corumbá. Em Areôtorare, título do primeiro livro, Lobivar tomou como referência a etnia Boróro, que habitou a região do Centro-Oeste. No prefácio, explicou o significado da palavra indígena e, indo mais além, apresentou-se à crítica da Capital Federal como um “índio privilegiado” tal qual o próprio Areôtorare:

Areôtorare é palavra de origem indígena. Entre os boróros, era todo índio privilegiado na aldeia onde vivia, como profeta, orador, historiador, contador de lendas, etc. À noite em volta da fogueira assanhada ou à luz do luar, os boróros se reuniam para ouvi-lo (...) sinto-me como Areôtorare, feliz, rodeado por boróros que me escutem... (MATOS, 1935)

A presença de etnia kadiweu como mão de obra que divide com os afrodescendentes os trabalhos pesados no porto de Corumbá na segunda metade do século XIX é também citada em relatórios da Câmara Municipal pesquisados.

Em Corumbá, os recém-chegados observavam também os nativos kadiweu, que acampavam no porto e eram utilizados pelo comércio local. Os comerciantes locais usavam os serviços prestados pelos nativos, porque esse tipo de mão de obra tinha custo ainda menor que os dos escravos de aluguel. A Câmara Municipal chegou a sugerir ao presidente da província de Mato Grosso que aprovasse a construção de um galpão para abrigar os indígenas (...) (CANCIAN, 2006, p. 142)

Além de indígenas e ex-escravizados afrodescendentes, e seus descendentes, a formação étnica de Corumbá recebe influência dos imigrantes, mais acentuada por parte dos bolivianos pela proximidade das cidades fronteiriças de Puerto Quijarro e Puerto Suarez, a maioria deles feirantes e donos de pequenas lojas de serviços, eletrônicos e quitandas. Entre os bolivianos há casos de imigrantes pendulares, como o operador de turismo Pedro Hugo Flores Guzman, que mantém escritórios em Corumbá, onde vive com a esposa e filhos, e Puerto Quijarro, a cidade mais próxima ao se cruzar a fronteira. O caso de Guzman reflete a dinâmica proporcionada pela fronteira com suas interações sociais e econômicas, suas trocas culturais, uma realidade oposta aos valores que tentam impor a essa região quando vista única e exclusivamente como área de segurança nacional. É o sujeito como sua própria fronteira.

Imigrantes europeus e asiáticos, entre os quais as colônias palestina e libanesa, concentram a maior parcela de comerciantes do centro da cidade e de profissionais de diferentes especializações como médicos, dentistas, veterinários, farmacêuticos, engenheiros, arquitetos.

O livro Baruki, 100 anos de História – Memórias da família em Corumbá (Editora Life, 2018), reproduz um modelo de ocupação deste território no começo do século passado, quando a Europa pós-Primeira Guerra Mundial vivia sua convulsão. Conta a saga de imigração de cinco irmãos Baruki que trocaram Zahlé, no Líbano, por Corumbá, e hoje são mais de uma centena de descendentes, entre os quais médicos, professores, diretores e coordenadores em escolas e universidades.

Destacam-se também na população fronteiriça traços herdados da presença paraguaia em território que fazia parte da Província do Paraguai durante os anos de domínio da Espanha, quando os limites do Tratado de Tordesilhas ainda não estavam totalmente definidos. Antes do domínio português na região, os espanhóis fundaram em terras próximas ao que hoje é Aquidauana, a cidade de Santiago de Xerez, que teve suas ruínas destruídas pelas missões luso-brasileiras. Depois da derrota na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, que levou a capital Assunção às ruínas, os migrantes paraguaios optaram por permanecer em solo brasileiro, onde criaram raízes e deixaram fortes influências na culinária (a sopa paraguaia, a chipa, o tereré), na música (a polca paraguaia, a harpa, o rasqueado, o arrasta-pé) e na linguagem, com muitas palavras de origem guarani introduzidas no portunhol falado na fronteira.

Muito do que se planeja e se executa na cidade de Corumbá em questões de infraestrutura, saúde, educação e comércio está atrelada ao fluxo de migração ou permanência de cidadãos vizinhos de Ladário, a leste, Puerto Quijarro e Puerto Suarez, a oeste. Juntas, interligadas, as quatro cidades formam um grande núcleo fronteiriço de cerca de 170 mil habitantes, tendo Corumbá como polo. Conta-se a história de criação de Corumbá a partir de 1778, portanto há 241 anos, com a formação de um destacamento militar que recebeu o nome de Povoado de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque com a finalidade de proteger a fronteira, por determinação de Luis de Albuquerque Melo Pereira e Cáceres, governador e capitão general da Província de Mato Grosso.

Em 1862, portanto 84 anos depois, o povoado passou à condição de Vila de Nossa Senhora de Santa Cruz de Corumbá, tendo nessa época por volta de 1400 habitantes. E em 1878, exatamente um século depois do surgimento do povoado, Corumbá enfim se estabelece como cidade com a demarcação de seus limites.

Em 1865, quando as tropas do Paraguai destruíram grande parte das 171 casas de barro e palha e 109 ranchos cobertos de palha e as cinco casas de alvenaria, construídas pelo

comerciante Manoel Cavassa, a população da então vila não passava de 1500 moradores. Restaram apenas 20 casas, arruinadas.

A grande expansão econômica da região viria em seguida, a partir de 1869, quando o governo imperial decidiu isentar os comerciantes de Corumbá do pagamento de tributos sobre produtos importados e exportados com entrada e saída pelo porto. Foi quando se estabeleceram na então vila, a partir de 1872, muitas casas comerciais atraídas pela isenção, e a instalação da alfândega. Começam então a ser construídas moradias de pedra e cal, alcançando 455 novas casas de pedra e cal. Há registros do trabalho do escravizado em todas as frentes de construções, e o valor de um cativo com ofício de pedreiro atinge seu patamar mais alto.

Ladário, criada como colônia agrícola para abastecer as tropas luso-brasileiras, surgiu no mesmo período e hoje também contabiliza 241 anos oficiais, incluindo sua formação como povoado. Emancipado em 1954, o município é um enclave geográfico, com suas linhas territoriais totalmente cercadas por Corumbá. Duas avenidas interligadas em linha reta de 6 km separam os centros comerciais das duas cidades.

Por sua vez, Puerto Suarez deve sua criação, em 1875, a motivações essencialmente comerciais, para funcionar como um corredor de passagem dos produtos bolivianos para Argentina, Uruguai e o Atlântico, depois que a Bolívia perdeu a saída para o Pacífico derrotada na guerra com o Chile. Quando Puerto Suarez surgiu as fronteiras já estavam delineadas e já existia o Tratado de Amizade, Limites, Navegação, Comércio e Extradicação – também conhecido como Tratado de Ayachuco - com o Brasil.

Com o passar do tempo, esse fluxo para o Atlântico não ficou restrito a mercadorias, mas envolveu os povos e suas culturas. Corumbá tornou-se até os dias atuais uma rota de migração, porta de entrada do Brasil para refugiados, migrantes ou imigrantes de diferentes origens latino-americanas e africanas. Em janeiro de 2010 um terremoto matou 300 mil pessoas e deixou 1 milhão e meio de desabrigados no Haiti, o que elevou o fluxo de migração. De janeiro a julho de 2018, foram atendidos 407 migrantes haitianos na Casa de Passagem, gerenciada pela Prefeitura de Corumbá. E muitos continuam chegando, mas transitoriamente, para se estabelecer em diferentes cidades de Mato Grosso do Sul e São Paulo. Trazem uma memória, mas estão em busca de um novo lugar, uma nova história, como conceitua Milton Santos em *A Natureza do Espaço*.

O homem de fora (migrante) é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o

obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado. Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história. (SANTOS, 1996, p.224)

Conjuntos habitacionais financiados pelo poder público (federal, estadual e municipal) receberam moradores de Corumbá que antes residiam em barracões na morraria portuária. Permanece, porém, o déficit habitacional, um dos maiores gargalos da cidade, e pelo menos 150 casebres, segundo a Defesa Civil, continuam se sustentando nas áreas de risco e vulnerabilidade, expostos a desmoronamentos em períodos chuvosos. Nessas áreas vulneráveis, como o bairro Havaí, o Buraco da 13, a Cervejaria e o Beira-Rio, subsistem os Sarobás contemporâneos e todas as suas mazelas. O Sarobá hoje é conhecido como Borrowski, e a Peixerada como Beira-Rio. Bairros que surgiram por meio da ocupação de ex-escravizados no período pós-abolição e herdaram os problemas de infraestrutura, o olhar discriminatório da sociedade que não se mistura e marca fronteiras invisíveis, conforme vai analisar Raffestin:

A discriminação espacial pode tomar formas menos institucionalizadas, mas igualmente separatistas. Os guetos ou os bairros negros nos Estados Unidos, em geral instalados no coração das grandes cidades, constituem uma discriminação espacial, ou melhor, a expressão de uma discriminação espacial muito forte. É exatamente o mesmo exemplo de fronteira invisível sobre a qual falávamos acima. Os negros, com exceção de uma elite abastada, não conseguem se instalar onde querem, seja porque não têm os meios, seja porque não conseguem comprar ou alugar uma casa ou um apartamento nos bairros brancos. Ocorre assim o nascimento espontâneo, mas tão marcante quanto se fosse institucionalizada, de uma discriminação espacial. (RAFFESTIN, p.134)

Em Corumbá, esses espaços ocupados por negros escravizados e, posteriormente, pelos ex-cativos, após a abolição, foram motivo de preocupação para as autoridades, conforme Cancian traz à luz em sua pesquisa:

Longe da ribalta faustosa das casas comerciais, nos arrabaldes, existia, como já foi exposto, o Sarobá, bairro dos negros *transgressores*, das casinhas de lata e chão brejado. Ao contrário das imagens, reproduzidas nas fotografias, cujas intenções podem levar a uma interpretação diversa da realidade, os textos literários reproduzem aspectos da sociedade através da experiência do próprio autor. Em se tratando da poesia Sarobá, temos a informação de que a cidade de Corumbá, no início do século XX, não era tão somente homogênea e próspera, aspectos retratados nas fotografias exibidas no *Álbum Graphico de*

Matto Grosso. Além das ruas calçadas e amplas, havia as desprovidas de calçamento e sujas. Além dos homens vestidos elegantemente, havia os populares, em boa parte negros, “descalços”, que vestiam tradicionalmente a “camisa riscada”, (...) havia o Sarobá, local de contravenções e baderna, onde o Código de Posturas não era obedecido, por absoluta falta de condições de seus moradores e descaso para com eles das autoridades. (CANCIAN, 2006, p. 114)

A historiadora observa que os soldados eram equiparados aos cativos pelas leis do Código de Posturas. Muitos dos recrutas do 3º Regimento de Artilharia eram ex-escravizados, libertos, negros livres e caboclos. Os soldados do Exército imperial instalaram-se em Corumbá em 1870, após o término da Guerra da Tríplice Aliança e da desocupação da região pelas tropas paraguaias, em situação desprovida de privilégios. “Pertenciam à classe mais humilhada, passando necessidades e morando em ranchos precários” (CANCIAN, 2006, p.155). Nos registros da Câmara Municipal consta a formação de um bairro formado por soldados, que obtiveram baixas do serviço, e das suas acompanhantes vivandeiras – mulheres que prestavam serviços domésticos às tropas. Este bairro localiza-se hoje provavelmente entre na extremidade oeste da rua 13 de junho, entre o porto e a cidade alta, conhecido como Buraco da 13, um dos bolsões de pobreza da Corumbá do século XXI.

2. LITERATURA DA FRONTEIRA RECONSTRÓI PERSONAGENS

2.1 A poesia social de Lobivar e seus seguidores quase desconhecidos

Para analisar até que ponto os autores contemporâneos que se dedicaram a construir figuras populares, descrever as mazelas da sociedade e criticar as desigualdades sociais foram influenciados pela poética de Lobivar Matos, recorreremos a Harold Bloom:

A influência poética não precisa tornar os poetas menos originais; com a mesma frequência os torna mais originais, embora não por isso necessariamente melhores. Não se pode reduzir as profundezas da influência poética a um estudo de fonte, à história das ideias, ao modelamento de imagens. A influência poética, ou como com mais frequência a chamo, a apropriação poética, é necessariamente o estudo do ciclo vital do poeta como poeta. Quando esse estudo leva em conta o contexto em que se dá esse ciclo vital, é obrigado a examinar ao mesmo tempo as relações entre poetas como casos semelhantes ao que Freud chamou de romance familiar, e como capítulos na história do moderno revisionismo, “moderno” aqui se referindo a pós-Iluminismo. (BLOOM, 2002, p. 55)²

Crítico literário mais influente do meio século passado, Bloom aponta William Shakespeare como “a origem de todas as influências da posteridade, o Homero moderno que exerce fascínio sobre toda posteridade de poetas, romancistas e filósofos”, conforme relatou em entrevista publicada pela revista *Época* em 2011. “Se os poetas têm algum complexo, têm o complexo de Hamlet. Pois como o Hamlet de Shakespeare, querem concorrer com a imagem do pai”, analisa, retomando o personagem angustiado criado por Shakespeare.

Poesia é angústia de influência, é apropriação, é uma disciplina da perversidade. Poesia é compreensão distorcida, interpretação distorcida, aliança distorcida. (...) Poesia é o encantamento do incesto, disciplinado pela resistência a esse encantamento. (...) A boa poesia é uma dialética de movimento revisionário (contração) e renovadora abertura para fora. Os melhores críticos de nosso tempo continuam sendo Emerson e Wilson Knight, pois eles distorcem mais antiteticamente que os outros. Quando dizemos que o significado de um poema só pode ser outro poema, talvez queiramos dizer

² Bloom analisa a influência ou apropriação poética em seis categorias. Em *Clinamen*, o poeta desvia-se de seu precursor. “Isso aparece como um movimento corretivo em seu próprio poema, que sugere o poema do precursor seguir certo até um determinado ponto, mas depois deve ter-se desviado, precisamente na direção em que segue o novo poema”. Em *Tessera*, “o poeta “completa” opostamente seu precursor, lendo o poema-pai de modo a reter seus termos, mas usando-os em outro sentido, como se o precursor não houvesse ido longe o bastante”. Em *Klenosis*, ocorre uma decomposição, uma submissão, “um movimento de descontinuidade diante do precursor”. Em *Askesis*, movimento de autopurgação, que se destina a atingir um estado de solidão, o poeta que vem depois não passa, como na *kenosis*, por um movimento revisionário de esvaziamento, mas de redução; abre mão de parte de seu dom humano e imaginativo para separar-se de outros, incluindo o precursor. E, por último, *Apophrades* se relaciona ao retorno dos mortos, tempos atenienses em que os mortos voltavam a habitar as casas onde haviam morado. Nesse caso, o poema é agora mantido aberto ao precursor: como se o próprio poeta posterior houvesse escrito a obra característica do precursor (em ANEXOS, entrevista de Harold Bloom à revista *Época*).

uma gama de poemas: o poema ou poemas precursores. O poema que escrevemos como nossa leitura. Um poema rival, filho ou neto do mesmo precursor. Um poema que jamais chegou a ser escrito — quer dizer — o poema que devia ter sido escrito pelo poeta em questão. (BLOOM, 2002, p.143)

O poeta Benedito C.G. Lima, de 70 anos, aponta como precursores Alceste de Castro, Clio Proença, Lobivar Matos, Manoel de Barros, enfim, quase toda a gama de poetas corumbaenses, publicados ou não, entre o século passado e o começo deste XXI. Ele é um dos fundadores do grupo Alec (Academia de Literatura e Estudos de Corumbá), criada em 1972 por um movimento cultural de estudantes e professores do Colégio Estadual Maria Leite, e conviveu com muitos desses precursores em Corumbá. A Alec foi anteriormente denominada Escola Poética Castro Alves ou Poetas Estudantis de Corumbá ou ainda Arte Literária Estudantil de Corumbá.

Em Kafka e seus precursores, J.L. Borges observa a influência recebida de Franz Kafka (1883-1924). “Se não me engano, os heterogêneos textos que enumero parecem-se a Kafka (...) encontra-se a idiossincrasia de Kafka (...) O fato é que cada escritor cria seus precursores”. (BORGES, 1951). Em Literatura Corumbaense (1981), o poeta Alceste de Castro compõe uma lista dos “grandes nomes da história da poesia corumbaense a partir da década de vinte”, na qual deixa de mencionar Lobivar Matos. Entram na seleção Luís Feitosa, Pedro de Medeiros, Gabriel Vandoni de Barros, Castro Brasil, Carlos Vandoni de Barros, Manoel de Barros, Clio Proença, José Schneder, Osório de Barros, Magali de Souza Baruki, Ena Brasil de Castro e Rubens de Castro. E ao se referir a Manoel de Barros, o faz com ressalva: “(...) apesar do modernismo, de suas ideias extravagantes e avançadas, ele é um escritor regionalista, um autêntico pantaneiro (...)”.

Fica claro o mal-estar proporcionado pelo modernismo entre os autores vinculados a correntes literárias tradicionais cultuadas até aquele momento, como o parnasianismo e o simbolismo³. O modernismo, visível na poesia crítica, despojada e sem métrica de Lobivar, provavelmente serviu como divisor de águas no momento de qualificá-lo ou não no grupo de poetas corumbaense de relevo. Mesmo tendo publicado duas obras no Rio de Janeiro, faltava ainda ao “poeta desconhecido” o reconhecimento pelos leitores e críticos literários, enquanto Manoel de Barros era visto como uma “promessa regional, prestes a ganhar projeção” e recebia de Alceste de Castro uma espécie de profecia: “Os grandes críticos ainda não o definiram, mas quando ele for compreendido, estudado, pesquisado, veremos que ele

³ O Parnasianismo foi um movimento literário originado na França em 1860, conforme Massaud Moisés. Reagindo ao romantismo, os parnasianos eram de parecer que a poesia devia obedecer ao princípio da arte pela arte, sem qualquer intuito pragmático. Admitam que a obra de arte, em vez de se destinar à defesa de causas sociais, constitui luxo intelectual, endereçado aos eleitos ou às sensibilidades raras. Cantavam a beleza das formas femininas e o prazer físico que a sua posse e contemplação oferecem. Olavo Bilac é referência parnasiana entre os poetas brasileiros. O Simbolismo se inicia na França, em 1857, como negação às tendências realistas em arte, ao realismo, ao naturalismo e ao parnasianismo, e a consequente restauração da subjetividade romântica. Era a tentativa de “representar por meio da sugestão e de metáforas polivalentes”. (MOISÉS, 2004)

é um dos mais raros, felizes e magníficos momentos da moderna literatura brasileira.”
(CASTRO, 1981)

Benedito C.G. Lima dialoga com Lobivar na estética e na crítica social em algumas de suas composições, que vão de participações em coletâneas a obras individuais. Seus versos não são metrificados, às vezes se fundem com a prosa, o tempo e o espaço são ressaltados. Ele conta que começou a escrever cedo, aos 14 anos, e um dos seus primeiros poemas, “Chanica leiteiro”, vislumbra a temática que o acompanharia pelas décadas seguintes, em que ressalta os traços peculiares das figuras populares da cidade e suas relações com a sociedade. Chanica, descrito na poesia como “bugre pantaneiro”, gastava no bar, tomando pinga, todo o dinheiro ganho com a venda do leite. Como não gostava de ser chamado de Chanica, que na verdade era o nome da mãe dele, acabou levando o apelido que o incomodava muito quando passava pelas ruas e era seguido pela garotada.

Lá vai o bugre leiteiro
Subindo a ladeira
Vai cheio de leite
Fardo pesado
No amanhecer do dia
Chanica leiteiro
Toma pinga na esquina
Pra matar o cansaço
Chanica figura popular
Na avenida das palmeiras
Lá vai o bugre pantaneiro
(LIMA, 1959)

C.G. Lima é autor de “Quem disse que sou negro?”, um irônico grito de alerta contra o racismo e a intolerância:

Quem disse que sou negro? Pode crer se enganou!
Negro é aquele irmão que veio da África Acorrentado,
amordaçado e separado da família; Negro é aquele
que debaixo do açoite Chorava baixinho nos porões
fedidos dos navios; Negro é aquele que foi arrematado
no Rio de Janeiro; Negro é Machado de Assis Vulto
histórico de valor (...)
(LIMA, 2009)

Nascido em Bauru e radicado em Corumbá, onde chegou ainda criança ao lado da mãe, lavadeira, o poeta, aos 70 anos, lembra que nas primeiras semanas na cidade enfrentou as dificuldades típicas de uma família de migrantes em um recomeço de vida. Chegou a dormir algumas noites sob o teto do Coreto Municipal, na Praça Independência – mesma praça que viria a ser espaço de eventos literários por ele organizados.

Na ação cultural “Passa na Praça que a Arte te Abraça”, que coordena aos sábados no Jardim da Independência, poetas expõem versos inéditos ou já publicados no Varal de Poesias, uma cordinha amarrada nos troncos dos arvoredos. Ali, entre pombas e pardais, caminho de pessoas que passam apressadas no vaivém ao centro comercial da cidade, eles trocam, doam e vendem livros expostos nos bancos de concreto. O que parece ser apenas um encontro frugal de poetas seria descrito por Heidegger como um diálogo que tem como base a “essência da linguagem, que é a poesia (...) pois a poesia é a linguagem primordial de um povo, que instaura o ser e a sua história. (HEIDEGGER, 2002)

Os encontros semanais no Jardim da Independência, coletâneas literárias, saraus e cafés culturais organizados por C.G. Lima abrem espaço para “poetas desconhecidos” – como foi Lobivar Matos até merecer estudos de pesquisadores e releituras de ativistas culturais na segunda metade do século XX. Mais de 50 autores fronteiriços tiveram seus poemas publicados nas coletâneas Florilégio da Esperança (2017), Poetas do Café Literário (2015) e Passa na Praça que a Arte te Abraça (2018).

Entre eles está a poeta, professora e ativista argentina Alicia Viviana Mendez Rosales. Nascida em Tucumán, define-se como uma “argentina por nascimento, boliviana por casamento e brasileira por coração”. É casada com um boliviano e tem dois filhos nascidos em Corumbá, onde vive há 23 anos. Na linha da fronteira Brasil-Bolívia, é uma imigrante pendular, com atividades em Corumbá, Campo Grande, Puerto Quijarro e Puerto Suarez, e também lança seus livros em museus, livrarias e cafés de Santa Cruz de la Sierra, além de Rio de Janeiro e São Paulo, onde já participou de bienais.

Vivi, como é conhecida, criou uma ong com foco na luta pelos direitos humanos, o empoderamento das mulheres e defesa das minorias, com atuação em comunidades indígenas. Em 2018, ela lançou os livros de poemas “Poetize-se” na Feira Literária de Paraty, no Rio de Janeiro (Flip) e “Inspiração em Verso” na Bienal de São Paulo, pela Editora Futurama. Publica seus livros em português e espanhol e consegue lançá-los alternadamente em Corumbá, na Bolívia e na Argentina. Três de seus livros estão escritos em espanhol: Lágrimas de Colección, que trata de amores, amantes, espera e esperança, Poesia de Bolsillo e 10 Deseos para mis hijos.

2.2 A intertextualidade entre as poesias de Lobivar e Chumbo Grosso

Revelado tardiamente neste começo de século, o ex-peão Acelino Ferreira Lima, o Chumbo Grosso, de 81 anos, afirma na sua biografia que “não sei ler nem escrever, dependendo de

algumas pessoas para escrever para mim”, mas trata-se de um hábil e criativo trovador, capaz de compor e recitar versos no improviso, inspirados em um amigo, um amor perdido, uma cidade, uma fazenda, qualquer tema que vier à tona. Pantaneiro nascido na fazenda Paraíso, na região de Corumbá, radicado em Ladário, ele carregou por muito tempo “a esperança de escrever um livro para contar minha vida e a dos pantaneiros”, e assim ditou para a sobrinha os poemas e contos que formaram sua primeira obra impressa. Surgiu, então, *Nas Entranhas do Pantanal*, livro no qual não se distancia do linguajar simplório e brejeiro ao se expressar e contar detalhes do cotidiano da vida sofrida de um peão, como em *Montaria em burro bravo*:

(...)Uma hora em montado
 Outra hora eu no chão
 Lidava com carro de boi
 Que é minha profissão
 (...) Andando com Deus na frente pra
 livrar de assombração
 umas pessoas me dão o tombo umas e
 outras me dão a mão
 o meu nome é Chumbo Grosso
 conhecido no sertão!”
 (LIMA, 2015, p. 40).

A temática de Chumbo Grosso dialoga com o tempo e espaço da ars poética de Lobivar quando descreve a vida do peão no campo, os percalços e sustos na lida com o gado, o medo da noite e seus mistérios. Assombração aparece igualmente no poema lobivariano *A noite – negra velha – assombração*, quando ele usa a *negra velha* como metáfora para descrever a escuridão e o medo da noite, em uma visão distorcida de uma vila com casas enfileiradas e suas luzes:

Assombração, Mentira! Não é assombração
 Os olhos da negra, estou vendo, mas os olhos da negra
 São dois lampiões que os camaradas
 Esqueceram, acesos, no galpão!
 Assombração, história! Não é assombração.
 Os dentes da negra estão ali, mas os dentes da negra
 São as casinhas brancas dos camaradas
 Enfileiradas,
 Amontoadas,
 Uma após outra, à beira do capão!
 (MATOS, 1935), p.27-29)

A intertextualidade presente na poesia de Lobivar e Chumbo Grosso nos leva a recorrer a Antoine Compagnon para uma definição precisa do termo:

Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um “outro texto”. A intertextualidade designa, segundo Bakhtine, o diálogo entre os textos, no sentido amplo: é “o conjunto social considerado como um conjunto textual”, segundo uma expressão de Kristeva.

A intertextualidade está pois calcada naquilo que Bakhtine chama de dialogismo, isto é, as relações que todo enunciado mantém com outros enunciados. (COMPAGNON, 1999, p.108)

Tempo e espaço configuram a poesia de Chumbo Grosso ao se posicionar como sujeito na descrição do cotidiano dos lugares que frequentou enquanto jovem, como peão na fazenda Paraíso, no Pantanal mato-grossense, ou nas suas incursões nas noitadas dos bailes do periférico Muro Quebrado, que dá nome a um de seus poemas. Baile noticiado pelo tradicional programa de rádio de Corumbá, Alô Pantanal, na voz do locutor Lalá.

A notícia está longe
 Já chegou ao Pantanal
 O Lalá fez o programa
 E começa a anunciar
 Com o meu radinho ligado
 Eu ouço o Alô Pantanal
 O baile no Muro Quebrado
 Está animado
 Quero ver se eu chego lá
 Vou dançar a noite inteira
 Até o dia clarear
 (LIMA, 2015, p.46)

Entre o bailão do Muro Quebrado, de Chumbo Grosso, à festança de São Sebastião, de Lobivar, há um intertexto configurando traços biográficos dos autores, com evidências quanto às suas andanças nas noites estreladas e quentes do Pantanal. Embalada pela “polca paraguaia, arára, santa-fé, cururu”, ritmos tipicamente da fronteira, os festejos em celebração ao santo expõem a subjetividade de Lobivar ao pedir um beijo para Maria no poema São Sebastião.

Perto da cozinha, no galpão
 A negrada não aguenta mais, o porre é grande
 Só se vê cabra caído
 E negras roliças soltando gaitadas
 - Me dá um beijo, Maria!
 São Sebastião no altar
 Rodeado de velas
 Nhô Juca na sala
 Rodeado de gente
 Capão verde roncando.
 - Nho Juca roncando.
 - Que beijo gostoso!
 Me dá mais um, Maria!
 (MATOS, 1936, p.65-67)

Nos poemas Zé Fumaça e Ao amigo Robertão há outra conexão intertextual entre os autores: os peões boiadeiros surgem como espécie de figuras populares do campo, artistas no dom de montar o cavalo pantaneiro, fazer a lida do gado e tocar a boiada. Quando o cavalo

“Boa-Fé” está “encilhado à porta do rancho, relincha rápido e bate o casco no chão, chamando o seu dono que demora a vir”, todos sabem que é hora do peão Zé Fumaça sair para namorar sua chinoca, como é conhecida a “mulher amada” na fronteira sul. E não sai sem ouvir uma porção de conselhos:

Chicote preso no punho
 Chapéu de carandá no alto da cabeça
 Zé Fumaça sai do rancho todo sorriso
 Porque vai visitar a chinoca do seu coração.
 E a moçada, com água na boca:
 - Não vai se esquecer do beijo, Zé!
 - Do abraço, Fumaça!
 - Cuidado, menino, mulher é como cachaça!
 - Oia, moço, casamento é desgraça!
 (MATOS, 1935, p.37-38)

De sua parte, neste intertexto, Acelino Chumbo Grosso prestou homenagem a um tropeiro, antigo parceiro das comitivas de gado no Pantanal, que lhe traz boas recordações, com o poema Ao amigo Robertão:

Eu conheci um tropeiro
 Que gosta de um bailão
 Montado em burro bravo
 E tocador de acordeom
 Homem de muita coragem
 Que conhece a região
 Sempre que faz viagem
 Sendo o mapa sua mão
 (LIMA, 2015, p.33)

O rapper Marcos Gonzaga, que se define como poeta de rua, dialoga com a poesia de Lobivar ao compor especificamente poemas de protesto, com foco nas questões e críticas sociais, na marginalização do negro pela sociedade, no racismo e preconceito. Ele pertence ao Grupo Resiliência, que apresenta uma proposta baseada na poesia oral, subterrânea, desvinculada de publicações. Recebe a influência do rap e das batalhas de poesias que começaram a surgir no País a partir da primeira década deste século. O poema “Reflexão” retoma, como em obras de Lobivar, a crítica à demonização do negro e ao preconceito com que umbandistas são tratados pela *enfurecida* – gíria usada para se referir à autoridade policial:

Ces fala que luta pela correção do errado tão engraçado.
 Personificação de branco é deus,
 e personificação de preto é o diabo, maldito e odiado.
 Mesmo que os templos se transformem em ruínas,
 um espírito ainda vive.
 A enfurecida afronta quem roda em umbanda,
 mas faz simpatia e pula 7 ondas no ano novo. (...)
 (GONZAGA, 2018)

2.3 Das Marias da poética lobivariana à literatura contemporânea

No livro “Corumbá e Apelidos”, Ionaldo José Arce reúne “pessoas do povo”, que viviam à margem da cidade, alguns vagando pelas ruas da cidade, conhecidas por seus apelidos como Zé Tintureiro, Bola Sete e Carrapato. Cita o radialista Joãozinho Gente Boa e lista a ex-dona de um bordel corumbaense que tinha amigos influentes na sociedade: Maria Aparecida, conhecida como Maria Mulata.

Maria Mulata aparece também no conto “Paixão e morte no bordel” (Maria Preta Cartonera Editoria, 2019), ficção baseada em fatos reais entre as décadas de 1930 e 1940. Nele, o professor de História Luiz Fernando Rodrigues Licetti relata o envolvimento de Maria Mulata com o corumbaense Heitor, um ex-combatente conhecido como Madeira. Inconformado com a separação, Madeira vai ao bordel e mata o amante de Maria Mulata. Meses depois, Madeira é assassinado com três tiros enquanto lia um jornal sentado na mureta da Praça Independência, centro de Corumbá. No conto, Licetti se refere a Maria Mulata como uma das mulheres mais influentes da cidade, cujo maior sonho, um dia realizado, foi abrir seu próprio negócio – um bordel – na área periférica da cidade, na rua Tiradentes com a Porto Carrero.

(...) Logo sua casa ganhou fama e se tornou a mais frequentada pela classe alta. Com o passar do tempo ela também foi assumindo um papel assistencialista importante na cidade. Ajudava garotas que eram expulsas de casa pelas suas famílias. Ela as acolhia, ajudava financeiramente e até encaminhava para um emprego em Corumbá ou na capital Cuiabá, onde tinha muitos contatos. Em pouco tempo Maria se tornou uma das mulheres mais influentes da cidade, estava sempre à frente de eventos carnavalescos e entidades de assistência social. (LICETTI, 2018, p.8)

É interessante constatar como as Marias ocupam diferentes períodos da história da cidade, transpõem as barreiras do tempo, tanto como nome quanto em apelidos. Figuram na criação literária de escritores corumbaenses desde os tempos de Lobivar Matos, autor do poema Maria Bolacha, até em trabalhos recentes, tanto como personagens reais históricos como fictícios, representando o sujeito folclórico que vagueia pelas ruas da cidade, andarilhos, maltrapilhos, ou se limitam a percorrer determinados bairros, como era o Sarobá.

Maria Bolacha era assim chamada por responder com “bolachas” (bofetadas) ou “porretadas” (andava sempre com um pedaço de pau na mão) aos meninos que a provocavam, atiravam pedras e atormentavam seu livre caminhar pelas ruas. Maria Bolacha é assim descrita pelo poeta:

Velha, baixota, enrugada, Chinelos
 furados, dedo de fora, Pedaco de pau
 infalível na mão Saco vazio, sem cor,
 dependurado às costas,
 Saia rasgada,
 Trapo num corpo sujo
 Trapo sujo na vida
 Vem vindo rua adentro,
 Para aqui, corre depois, xinga lá E
 está em toda parte.
 Maria Bolacha! Maria Bolacha! Cala
 a boca, menino do inferno!
 (MATOS, 1936, p.19-20)

No poema *Maria Bolacha*, quem caminha pela cidade é um “saco vazio, sem cor, dependurado às costas”, simbolizando alguém sem nome, sobrenome, sem documento, aquele ser para o qual a sociedade virou as costas, um invisível que perambula pelas ruas em busca do nada. Nesse aspecto, Lobivar precedeu escritores conterrâneos que, em poemas, crônicas ou contos, descreveram os passos da “mulher do saco”, a andarilha, maltrapilha, saco sobre as costas, catando o lixo reciclável das ruas ou simplesmente mendigando as sobras da sociedade de consumo.

A *Maria Bolacha* de Lobivar é retomada como *Mariadadô*, personagem criada pela poeta, contista e artista plástica Marlene Mourão, conhecida como Peninha. Em Corumbá, *Mariadadô* – simplificação de *Maria das Dores* - é uma conhecida personagem central de histórias em quadrinhos publicada em tiras há mais de uma década no *Diário Corumbaense* e de “*Mariadadô, o livro*”, lançado em 2012. Peninha conta que criou a personagem *Mariadadô* para o lançamento da revista *Grifo* (Editora Matogrossense Ltda), de Campo Grande, em 1979. “Então criei *Mariadadô*, que é a *Maria das Dores*, baseada em uma pantaneira, mandona, que manda nos filhos e no marido, uma homenagem a todas as *Marias*”, diz Peninha. (ANEXO entrevista completa).

Diferentemente de *Maria Bolacha*, figura popular solitária que perambula pelas ruas e se defende das ofensas com um porrete, *Mariadadô* é uma personagem comunitária, mulher pobre e favelada, mas com personalidade alegre e ativa, que se engravida a cada ano e se desdobra para criar 13 filhos, de acordo com a escritora e desenhista. “*Maria* é universal, é representativa”, diz Peninha.

Marlene Mourão também surge com o heterônimo *Marzinha*, que assinou um livro escrito em 1976 e que teve o poeta Manoel de Barros como ilustre avalista: “Azul dentro do banheiro”. Ao ler os originais, Manoel de Barros revela ter-se comovido, conforme carta

endereçada à jovem escritora, na época com 31 anos (Em ANEXO 1, reportagem do blog Nave Pantanal sobre lançamento do livro):

“Você é uma criança andando perdida no meio das ruínas. É o que me comove em sua poesia, que é legítima, inventiva, despreza as convenções, as falsas emoções, os falsos carneções, as falsas ladainhas” (BARROS, 1976)

Nascida em Coxim-MS em 1945, Marlene formou-se em pedagogia em Campo Grande. Amiga de uma das sobrinhas do poeta, Marlene visitava Manoel de Barros com frequência, a quem pedia para avaliar seus escritos. Desde 1971 reside em Corumbá, onde chegou para passar o Carnaval e nunca mais retornou a Coxim. Em Corumbá também lançou o livro infanto-juvenil “Pacu era um peixe que vivia feliz nas águas do Rio Paraguai” em 2002 e o livro ilustrado “Um altar para as valorosas sandálias do Frei Mariano”, resultado de uma pesquisa sobre a vida do padre que mandou construir a Catedral de Nossa Senhora da Candelária, padroeira do município, foi preso durante a Guerra na Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai) e dá nome à principal rua do centro comercial da cidade.

É exatamente esta a descrição dada a outra Maria que surge agora no século XXI nas ruas de Corumbá e que, sem documentação, passou a ser conhecida como Maria Preta, mas igualmente chamada, com menosprezo, de “mulher do saco”. Maria Preta eternizou-se nos versos de um poema escrito pelo professor de Matemática Gilmar Fernandes Martins, premiado no Concurso Internacional Justiça e Igualdade Racial de Dourados-MS (No Anexo 1, poema na íntegra):

Outro dia lembrei-me de Maria Preta
Andarilha livre das ruas de Corumbá
Conhecidíssima.
Mais conhecida que as pessoas mais importantes de Corumbá.
Ícone corumbaense.
Divide com inúmeros personagens o domínio folclórico da
cidade: Lili Tiroteio, Pega Polícia, Tatá, Kaká e tantos outros
que encantam e encantaram a cidade.
O povo jamais irá esquecer-los.
Maria Preta está no comando
Suas sandálias rasgam este pedaço da fronteira
Suas bagagens repletas de tudo e nada
Sua face linda que tanto tem a dizer
Maria Preta é poesia em movimento
Ensina-nos a ser tudo, sem que tenhamos nada
Ensina-nos!
(MARTINS, 2015)

Maria Preta pode parecer alguém sem rumo, mas escolheu um itinerário para caminhar com passos lentos, empurrando seu carrinho, catando as sobras de lixo seco que vai encontrando

espalhado pela rua. Pode ser encontrada deitada nas escadarias do Hospital de Caridade de Corumbá (Santa Casa), na rua 15 de Novembro, ou vagando nos finais de tarde nas proximidades do campo do Roseiral, na rua Dom Aquino, acesso à fronteira com a Bolívia. Entre os moradores de Corumbá, correm múltiplas versões sobre quem seria de fato aquela senhora. “Dizem que foi enfermeira na Santa Casa”, afirmou a professora e poeta Cidinha Lima, acrescentado que já tentou, sem êxito, ‘puxar conversar com ela’.

Não conversa, apenas pronuncia palavras desconexas e recebe as pessoas com um breve sorriso. Maria Preta carrega toda a simbologia daqueles que, por diferentes fatores, são excluídos da ordem social e tornam-se invisíveis, conforme descreveram os professores Luciene Lemos de Campos e Rauer Ribeiro Rodrigues no artigo *Camalotes, Sarobás e Poemas sem Pecado: o intertexto das figuras populares na obra de Manoel de Barros*:

Lendo-os, temos a impressão de que essa figura peculiar, cujo nome é Maria, ainda atravessa os becos e avenidas, sobe pelas ladeiras ou passeia pelo porto, indiferente ao relógio da história, para constituir-se em personagem que denuncia a face oculta das coisas e dos homens. (...) o implícito é mais importante que o evidente à flor do discurso. A aproximação entre a figura histórica (o personagem), e a figura recriada poeticamente (a personagem) faz emergir uma literatura em que se destacam seres destituídos das mínimas condições necessárias para um ser humano. Temos um molambo ambulante, um “trapo”. (CAMPOS, RODRIGUES, 2010)

Nesse aspecto, Campos e Rodrigues ressignificam a personagem criada por Lobivar, Maria Bolacha, provavelmente uma andarilha, presente na vida real que teria igualmente uma rotina e um roteiro traçado pelas ruas e vielas da Corumbá dos anos 30 – personagem retomado pelo poeta em uma página do livro *Sarobá*.

Ora aparecem como Marias, ora como Mulatas em poemas que as colocam como protagonistas da miséria, da exclusão, do preconceito e do racismo. Em Lobivar ela também surge como Mulata Isaura, trocando a imagem romântica criada pela *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, por uma mulher objeto ameaçada pelos caprichos sexuais do “filho da patroa”. Ponto vulnerável nas relações de poder casa-grande – senzala que perduraram por muito tempo no período pós-abolição, a mulata é descrita com uma posição análoga a uma escravizada, subordinada integralmente à patroa que tanto a acolhe como pode expulsá-la em caso de gravidez. O poema toma a dimensão de um recado de alerta dado por um observador anônimo do lado de fora.

Mulata Isaura, cuidado com o filho da patroa.
 Você pensa que ele gosta de você.
 Não gosta, não, boba.
 Seu riso é falso.
 Suas promessas são falsas.
 Seus carinhos são falsos.
 Tudo nele é falso.
 Ele quer pegar você como pegou Josefa,
 aquela morena alegre que morreu de fome
 abandonada no hospital (...)
 Mulata Isaura, tome cuidado!
 Nos hospitais ainda reina o privilégio e reinam
 também os preconceitos de raça, as diferenças
 de cor.
 E você é de cor mulata Isaura!
 (MATOS, 1936, p.41-43)

Em Manoel de Barros (1916-2014), cuja primeira obra é de 1937, com influências na fonte modernista, *Poemas Concebidos sem Pecado* (um ano após o lançamento de Sarobá), a personagem aparece no poema *Dona Maria*, na série *Postais da Cidade*:

Com pouco a senhora estará balofa,
 inchada de cachaça,
 os lábios como cogumelos
 Sua boca vai cair no chão
 Uma lagarta torva pode ir roendo seus lábios
 superiores pelo lado de fora
 Um moleque pode passar a esfregar terra em seu olho
 Ligeiro visgo começará a crescer de seus pés/(...)
 Por favor, moço, mande esses meninos embora pra
 casa deles.
 O senhor já me largou na sarjeta,
 já fez crescer visgo no meu pé,
 e agora ainda manda os moleques me xingarem...
 (BARROS, 1999)

Contemporâneo de *Lobivar*, em *Poemas Concebidos sem Pecado* Barros “trouxe ao tablado do papel a irreverência, o humor, o diálogo com grandes nomes da literatura nacional e internacional”, conforme a professora Waleska Martins, doutora em Estudos Literários. *Maria-pelego-preto* é outro poema da série *Postais da Cidade* em que os traços modernistas revelam, com discurso crítico e direto, a condição sub-humana em que a personagem é exposta pelo próprio pai em seu espaço de sobrevivência na Corumbá dos anos 1930. Espaço este descrito com riqueza de detalhes por Barros, naquele momento guiado por forte influência modernista:

Maria-pelego-preto, moça
 de 18 anos,
 era abundante de pelos no pente.

A gente pagava pra ver o fenômeno.
 A moça cobria o rosto com um lençol branco e deixava pra
 fora só o pelego preto que se espalhava quase até pra cima do
 umbigo.
 Era uma romaria chimite!
 Na porta o pai entrevado recebendo as entradas...
 Um senhor respeitável disse que aquilo era uma indignidade e
 um desrespeito às instituições da família e da Pátria!
 Mas parece que era fome.
 (BARROS, 1999).

Luciene Lemos de Campos, em “A mendiga e o andarilho: a recriação poética de figuras populares nas fronteiras de Manoel de Barros”, abordou a intertextualidade na construção do personagem Maria, a mulher das ruas, empobrecida, “destituída de passado e de futuro, alheia à sociedade de consumo”, também presente em Manoel e nas crônicas de Ulisses Serra:

Nesse caso Lobivar precedeu Serra e Barros ao reunir, em sua obra, o local e o universal, o passional e o racional. Lobivar evoca fatos relevantes para o momento histórico – a década de 30 – não dissociando sua literatura da inserção social, em obra cuja simplicidade de meios alcança extrema complexidade de fins, resultando em um retrato social que é mais revelador do que o dos seus contemporâneos (CAMPOS, 2010, p.72).

2.4 Modernista, Lobivar optou por descrever o drama dos desgraçados

Em 1936, quando publicou Sarobá, Lobivar Matos vivia em um País sob o domínio de um governo ditatorial que, com a alegação de conter o “perigo vermelho”, suspendeu todos os direitos civis. E muitos daqueles considerados “ameaças à paz nacional” foram perseguidos, presos e mortos. O ano ficou marcado pela prisão dos líderes comunistas Luís Carlos Prestes e Olga Benário. Mais tarde, Olga, que era judia, foi deportada grávida pelo governo Vargas para a Alemanha, e morreria em um campo de concentração nazista.

Veio o golpe militar de Getúlio Vargas em 1937, a criação do Estado Novo e um dos regimes autoritários mais rigorosos da história do País. Com forte censura e caça aos comunistas, este era o Brasil onde pisava e se inspirava o “poeta desconhecido”, como se definia Lobivar. Tempos em que escritores modernistas, como ele, viviam o permanente impasse entre a liberdade, a censura e a prisão. Publicaria Sarobá aos 21 anos, um ano após lançar Areôtorare – poemas bororos, por meio de editoras do Rio de Janeiro.

Lobivar era um poeta de vanguarda, de estilo livre e despojado, acostumado desde a infância a percorrer ruas da periferia de Corumbá. Foi amigo de infância do cronista e radialista Clio Proença, que mais tarde, em uma entrevista para a revista Grifo, de Campo Grande, o descreveria como “um menino de mais ver e ouvir do que falar. Garoto mirrado, ele seguia a turma, sempre meio arredio, pelas barrancas do (rio) Paraguai, em cismares sem fim. Pervagava por todos os bairros pobres da zona portuária, soltando papagaio, rolando pião e jogando bolita”. (GUIZZO, 1979)

O poeta viveu dos 13 aos 18 anos em Campo Grande, para onde fora levado pela mãe Brasília, que era costureira. Com a morte da mãe em 1930, o adolescente passou a receber os cuidados da tia Laura e da avó Teonília Nunes de Barros, que o matricularam no Instituto Pestalozzi, mais tarde denominado Ginásio Municipal de Campo Grande, dirigido pelos padres salesianos. Lobivar era leitor de Castro Alves e tinha como mestre o poeta corumbaense Pedro de Medeiros, a quem dedicou o primeiro poema que conseguiu publicar no jornal campo-grandense Folha da Serra, em fevereiro de 1932, aos 17 anos:

Corumbá deslumbrante.
Dorme na harmonia
O teu sono infinito,
Nas rochas de granito,
Sob a luz sombria
Do calor
(MATOS, 1932)

Seguindo os versos livres do modernismo, publicou mais dois poemas, Corumbá e Necrópole, como colaborador permanente da Folha da Serra ao lado de outros dois poetas modernistas corumbaenses, Cecílio Rocha e Iturbides Serra, que logo se juntariam a outro poeta, cuiabano de nascimento, mas criado em Corumbá, Manoel de Barros, definidos por Guizzo como “corifeus do modernismo”. Com recursos arrecadados da venda de cabeças de gado pela avó, Lobivar chegou ao Rio de Janeiro no final de 1933, aos 18 anos, para prestar o curso de Direito. Morou em uma pensão e enquanto se preparava para a prova na Faculdade de Direito trabalhou como investigador de polícia.⁴

Continuou, porém, enviando poesias para a Folha da Serra, em Campo Grande, mantendo

⁴ De acordo com reportagem de José Octávio Guizzo, na revista Grifo, de setembro de 1979, “Leônidas de Matos, interventor de Mato Grosso nesse período (1933), a pedido de um tio do poeta já contatara no Distrito Federal (Rio de Janeiro) o então capitão Filinto Strubing Muller, nchefe de polícia da ditadura de Vargas, que costumava apadrinhar os mato-grossenses sem recursos que para lá se dirigiam”. (...) Lutando para sobreviver, o poeta foi de início um deslocado investigador de polícia, que logo seria guindado para servir como burocrata no gabinete de Filinto (Muller)”. (GUIZZO, 1978, p.58)

como tema as os moradores, as festas populares e a territorialidade de sua cidade natal. Poemas que vão compor o primeiro livro dele, lançado no Rio de Janeiro em 1935, aos 20 anos, com o título de *Areôtorare – poemas bororos*, no qual homenageia os povos originários da região. No prefácio, o poeta ressalta o que o levou a publicar o livro:

(...) Embora a época atual de renovações e revoluções sociais não seja muito favorável nem à poesia nem aos poetas, eu me arrisco, posso dizer, num lance de coragem e de audácia, a publicar este livro. Faço-o em parte contentíssimo, na suposição de que contribuo de algum modo para a Poética nacional. Escrevi-o em Mato Grosso, em 1933, quando terminei meu curso ginasial, aos 18 anos. São na maioria poemas regionais e por isso mesmo muito simples, muito humanos. Alguns cheirando a cogitações íntimas, estáticas, introspectivas. Reflexos de um pessimismo crônico bebido às pressas nas coisas, nos seres e no mundo. Não pude evitar essa calamidade, considerando que, hoje em dia, nas horas rápidas que passam, cabe aos poetas um papel mais importante na comédia-dramática da vida. Foram-se os tempos em que eles faziam da Arte um divertimento espiritual. Eram egoístas. Falavam de si, de suas tristezas, de suas mágoas, de seus amores, de suas emoções, tudo em formas apropriadas, nos quartetos de rimas ricas ou nos sonetos metrificadas a rigor. Hoje os poetas refletem os anseios, as revoltas, as durezas amargas da época e do meio em que vivem. Quebrando s velhos moldes, abandonando os temas irrisórios, dando largas ao pensamento livre, os poetas da geração moderna são obrigados a falar nas coisas humildes, nos dramas cruciantes dos desgraçados, dos miseráveis, dos parias sem pão, sem amor e sem trabalho. Esse é o pape da minha geração! Eis porque considero calamidade esses poemas íntimos em que falo de mim com um pouco de vaidade, de orgulho e de altivez. (MATOS, 1935)

Em “O pequeno engraxate”, o escritor justifica com clareza o papel dos poetas “da geração moderna que são obrigados a falar nas coisas humildes, nos dramas cruciantes dos desgraçados”. O sorriso irônico do menino que vai trabalhar bastante, mas consciente de que não vai ganhar muito dinheiro para engraxar sapatos, apenas o suficiente para a sobrevivência.

(...) Sentado no batente da porta.
 com as mãozinhas pretas
 e a calcinha em farrapos,
 olhando a multidão,
 o pequeno engraxate
 sorri, sorri de alegria,
 de alegria, porque vai trabalhar bastante,
 de alegria, porque vai ganhar muito dinheiro
 (MATOS, 1935, p.23-24)

Lobivar se apropriou da ousadia e da sensibilidade modernista, naqueles tempos de perigo e medo, ao retratar as relações de poder casagrande-senzala que ainda vigoravam na

sociedade 48 anos depois da abolição. O sistema escravocrata permanecia enraizado, ainda em chamas, apenas a senzala mudara de lugar para guetos, bicos e favelas, e a escravidão ganhava outro nome e formato, agora como segregação racial, embora preconceito e racismo só fossem termos cunhados nas décadas seguintes com a eclosão dos direitos civis.

Na prática, o homem e a mulher negros ainda sentiam no corpo as chibatadas físicas e morais das relações de ódio que imperaram no Brasil escravocrata. Submetê-los ao distanciamento da periferia era uma forma de ignorá-los, torná-los invisíveis. Para eles havia espaço nos casebres da favela Sarobá, uma “fronteira invisível”. Em toda política de unificação e integração existe uma vontade de apagar as diferenças (RAFFESTIN, 1993).

Esse cenário de trevas ganha luz nos poemas sociais de Lobivar, um mestre em descrever a vida desumana de negros e pobres na sarjeta, relegados a um pedaço de chão onde não pudessem ser notados pela sociedade endinheirada e branca – a não ser quando precisassem deles em serviços pesados, como na construção dos casarões do Porto Geral e das mansões de senhores grã-finos. Mais tarde seriam “lembrados” para combater na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

O Sarobá descrito pelo poeta não se resume hoje apenas ao Borrowski, bairro da zona portuária corumbaense marcado por elevados índices de violência e vulnerabilidade. O Buraco da 13, o Havaí e as morrarias da Cervejaria e do Beira-rio são igualmente desaconselháveis pela Defesa Civil para quem quer viver bem hoje na Cidade Branca.

E quem não conhece em Corumbá um bairro com os mesmos traços de invisibilidade e abandono onde os gestores públicos e privados só dão as caras quando bem lhes convém ou nas tragédias, e buracos formam pequenas crateras em ruas que tomam o aspecto de outro planeta? Era assim em Sarobá, pois é assim em Corumbá.

As “casinhas de lata” descritas pelo poeta em Sarobá não configuraram apenas o cenário pobre do bairro de negros dos anos 30. Elas estão visivelmente espalhadas na “parte alta” ou nas barrancas da zona portuária nestes tempos pós-modernos, basta olhar com atenção. Sinal de que sociedade progrediu de um só lado, negando moradias decentes para milhares.

O poeta morreu cedo, aos 32 anos. Não fosse assim provavelmente teria uma produção literária mais abrangente e interessante, e que pudesse ser capaz de interligar seu discurso modernista dos tempos da juventude com o enfoque contemporâneo – assim como se permitiu comparar Manoel de Barros e seus 97 anos de vida. Mas Lobivar viveu intensamente. O

suficiente para dizer, profeticamente, que o Sarobá se mantém presente entre nós, só ganhou outros nomes e novos moradores. Era onde ele queria chegar ao levar luz a um bairro que talvez, sem ele, permanecesse eternamente ignorado, como um lado obscuro da cidade. Como diz Lucilene Machado Garcia Arf no estudo de representações espaciais de Corumbá no artigo “Registros da Poética Fronteiriça Urbana na obra de Pedro de Medeiros”, poeta que cunhou o termo “Cidade Branca”, conterrâneo e tido por Lobivar como referência:

Muitos foram os escritores que deixaram impressas em suas obras a observação do meio, mesclando traços da realidade e do imaginário na composição de um novo ambiente, carregado de subjetividade. São apontamentos que apresentam, às vezes, o lado obscuro, o lado marginal, aquele lado não valorizado ou não observado pela maioria das pessoas. Podem ainda criar um espaço ideal, evocar atmosferas metafóricas ou sugerir lugar algum. Esse olhar espacial para a literatura é capaz de produzir detalhes que, organizados e sistematizados no texto, podem ser importantes fontes para a compreensão da representação de um tempo e da organização do espaço, contribuindo e enriquecendo as análises literárias. (ARF, 2017)

Passados mais de 80 anos os poemas de Lobivar nos ajudam a entender a formação étnica social de homens e mulheres da fronteira, com suas influências multiculturais e heranças do sistema escravocrata, marcadas pela discriminação racial e a tentativa de homogeneização, como vai identificar Raffestin:

A humanidade é um estoque de diferenças genéticas e, mesmo se ignorarmos quase por completo a significação profunda dessas diferenças, podemos supor que é uma garantia da autonomia da espécie humana nos diversos meios geográficos onde se busca a evolução de seus membros. E também uma garantia da autonomia cultural da espécie humana, sem a qual não é possível uma ação diferenciada: "Desejo que o leitor retenha esta lição da biologia: nossa riqueza coletiva está na nossa diversidade. O 'outro' indivíduo ou sociedade nos é precioso na medida em que é diferente de nós". E então? Então, toda tentativa de reduzir essas diferenças, toda tentativa de impor um modelo único é uma forma de genocídio que pode tomar múltiplas formas. Genocídio que, de um ponto de vista geral, enfraquece a autonomia da espécie no seu conjunto. (RAFFESTIN, 1993, p.131)

No poema Negrinho Lambinho o poeta reforça a criação de estereótipos em torno dos moradores das comunidades, no que Barzotto vai chamar de contradiscurso do poeta. “As referências vocabulares de que o menino seria ‘cínico, semvergonha, preguiçoso, mentiroso, ladrão, manhoso e treteiro’ devem ser lidas às avessas porque, na extensão do que a carga semântica implica, no mesmo peso das acusações, há o contradiscurso do poeta ao denunciar a forma pela qual os indivíduos afrobrasileiros foram estereotipados ao longo de nossa história e,

em alguns casos, relegados ao monolitismo de suas comunidades, como em Sarobá” (BARZOTTO, 2012).

Lobivar tenta fixar residência em Campo Grande, no Rio de Janeiro, em Cuiabá, de onde retorna ao Rio. “Torna-se indivíduo múltiplo, de múltiplos espaços” (BARZOTTO, 2012). Pode ser descrito como um homem fronteira, que percorreu e explorou diferentes espaços dos quais se apropriou do cenário, das mazelas e personagens na sua criação literária – as bordas, periféricas de Corumbá, os “becos sujos” às margens do rio Cuiabá, o Rio de Janeiro dividido entre o rigor getulista e os ares transgressores do modernismo – e se autoproclamou um poeta historiador, um sábio boróro que revelava segredos, personagens e lendas a seus seguidores, no caso os leitores.

Dentro do conceito de homens fronteira se alinham Ulisses (Odisseia), Apolônio de Tiana (Viagens Literárias), Heródoto, Hecateu de Mileto, Cabeza de Vaca, definidos por François Hartog como viajantes inaugurais que se deslocam até a fronteira, “eles próprios marcos de fronteiras, grandes ou pequenas: ao mesmo tempo dentro e fora, intermediários, barqueiros, tradutores”. Ulisses, “o herói que por muitos anos errou, vendo muitas cidades, descobrindo muitos costumes”, é citado pelo autor francês como um desses primeiros homens fronteira. “Ele marca as fronteiras (entre o humano e o divino, por exemplo) ou, sobretudo, ele, o Resistente, prova-as e experimenta-as, arriscando-se a perder-se totalmente. Móvel, agitado pelas ondas, tendo sempre de partir de novo, ele próprio é um homem-fronteira e um homem-memória” (HARTOG, 1996).

Nesse aspecto Lobivar precedeu autores conterrâneos como o poeta Manoel de Barros e o cronista Ulisses Barros, que elegeram como personagem a mesma Maria das ruas, empobrecida, “destituída de passado e de futuro, alheia à sociedade de consumo”, conforme atesta Luciene Lemos de Campos, em “A mendiga e o andarilho: a recriação poética de figuras populares nas fronteiras de Manoel de Barros”, em sua dissertação para o Mestrado de Estudos Fronteiriços de 2010:

Nesse caso Lobivar precedeu Serra e Barros ao reunir, em sua obra, o local e o universal, o passional e o racional. Lobivar evoca fatos relevantes para o momento histórico – a década de 30 – não dissociando sua literatura da inserção social, em obra cuja simplicidade de meios alcança extrema complexidade de fins, resultando em um retrato social que é mais revelador do que o dos seus contemporâneos (CAMPOS, 2010, P.72).

3. BIBLIOTECA LOBIVAR MATOS: PATRIMÔNIO CULTURAL AMEAÇADO

A Biblioteca Municipal Lobivar Matos ocupou, até fevereiro de 2019, duas salas do Instituto Luiz Albuquerque (ILA), prédio de 147 anos construído para abrigar originariamente o antigo ginásio municipal. Hoje o prédio do ILA encontra-se interditado pela Defesa Civil e a biblioteca foi transferida para o Espaço Educacional, na rua Delamare, voltando ao seu lugar de origem, já que aquele prédio foi construído especificamente para abrigar o acervo em 1948. Trata-se de um dos maiores e mais importantes acervos da literatura de Mato Grosso do Sul, com 10 mil itens, entre livros, revistas e jornais, entre os quais se encontram os dois livros publicados por Lobivar Matos, *Areôtorare* (1935) e *Sarobá* (1936).

Com igual relevância em Corumbá está a Biblioteca Manoel de Barros, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que soma 18 mil títulos, com 41 mil exemplares, e fica na Unidade I do Campus Pantanal, na avenida Rio Branco. Em *A Leitura e seus lugares*, o historiador Júlio Pimentel Pinto observa que o espaço-biblioteca assume ares coletivos e opera como depósito da memória:

O livro torna-se, com o aparecimento da biblioteca, a ponte que liga o passado ao presente, e ambos a outras temporalidades, futuras e distintas. Parte-se do princípio de que o patrimônio humano pode ser acomodado num espaço-biblioteca, de que o humano é traduzível numa referência livresca. Mesmo sendo um tanto restrita, a concepção de humanidade em jogo aponta para a vontade de preservar a tradição e, por meio dela, determinar o mundo futuro. Ao inventar-se – e assumir-se como – a memória da humanidade, a biblioteca propõe uma nova relação dos homens com o tempo: aproximar-se do passado para tentar domá-lo. (PINTO, 2004, p. 35)

Prédio construído em 1817, o ILA, além da biblioteca, já abrigou a sede da Fundação de Cultura de Corumbá, tornando-se referência memorialística e patrimonial na fronteira. Agora aguarda recursos federais do PAC Cidades Históricas para ser restaurado. Até fevereiro de 2019, ao ser interditado, apenas a Biblioteca Municipal Lobivar Matos, o Museu Regional do Pantanal e a sede da Defesa Civil permaneciam no prédio de 202 anos, com suas estruturas em condições precárias, em permanente risco de deterioração. Já não se tratava nem de falta de climatização e acústica, mas de teto com risco de desabamento, piso de madeira com fendas e fiação elétrica propensa a curto circuito e incêndio.

O mofo e as traças eram ameaças constantes para o acervo e o prédio que, sem climatização, era obrigado a manter as janelas abertas, em uma área central de grande circulação de veículos e pessoas na cidade. O enorme volume de material inflamável do acervo ficava permanentemente exposto, enquanto a Fundação de Cultura e do Patrimônio e a Secretaria

Municipal de Infraestrutura e Serviços Públicos de Corumbá, com “outras prioridades”, não tomavam providências para a remoção da biblioteca para um prédio com estrutura condizente.

Após uma Ação Civil Pública movida pelo Ministério Público Federal em Corumbá (MPF/MS), recomendando “tomada de medidas urgentes para a preservação, manutenção e instalação de sistema contra incêndio”, a Secretaria Municipal de Infraestrutura e Serviços Urbanos decidiu interditar o prédio do ILA em fevereiro de 2019 para, em seguida, remover o acervo patrimonial ali instalado - a Biblioteca Municipal Lobivar Matos e o Museu Regional do Pantanal – para instalações consideradas apropriadas no momento.

Nesse aspecto, a Biblioteca Municipal Lobivar Matos, enquanto “memória da humanidade”, o Centro Histórico – demarcado pelo quadrilátero entre as ruas Cuiabá, avenida General Rondon, Major Sertório e Ladário - e todo o contexto do patrimônio histórico e cultural de Corumbá, que inclui o Casario do Porto e todo o entorno tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), ainda dependem de olhares menos indiferentes e políticas públicas mais arrojadas e específicas para assegurar sua conservação e preservação, mesmo diante da dependência secular dos recursos federais.

Tratar a questão como “lugar de memória coletiva pela disposição de acumular livros já escritos para legá-los ao futuro (...) para que os livros existentes multipliquem-se e projetem sua sombra para muitos outros séculos, gerando outros livros” (PINTO, 2014), seria um dispositivo para nutrir o interesse de todos aqueles responsáveis por este patrimônio que também é humano.

Instalada em uma sala do Espaço Educacional, a Biblioteca Municipal Lobivar Matos foi reaberta em setembro de 2019 pela Fundação de Cultura e do Patrimônio de Corumbá, que considerou o local “propício” e revelou possuir “projeto para sua ampliação”. O prédio voltou a ser fechado para o público em março de 2020 em cumprimento a decreto municipal que adotava normas contra a pandemia da Covid-19. Até aquele momento, porém, não haviam sido instalados na sala os novos aparelhos de ar-condicionado – os aparelhos antigos instalados estavam sem funcionamento.

Além da falta de climatização, a sala não dispunha de uma recepção independente, o que obrigava os funcionários a atender o público no mesmo compartimento onde eram realizadas as leituras e pesquisas pelos usuários. Inaugurada em 1948, hoje a biblioteca carece de instalações adequadas para atender ao público, mesmo estando de volta ao prédio de origem, o Espaço Educacional, e após ter ganho um painel com a imagem de Lobivar Matos ilustrando a porta de entrada.

4. CONCLUSÃO

Esta conclusão visa responder aos questionamentos feitos na introdução, de forma a apresentar os resultados desta pesquisa e oferecer uma base para novos trabalhos acadêmicos, partindo do princípio de que nada é estático e definitivo. Quando se questiona se o antigo bairro Sarobá se mantém como bolsão de pobreza ou deu lugar a empreendimentos mobiliários, agora com o nome de Borrowski, a resposta é que ainda existem traços de favelização nos quarteirões formados pelas ruas Delamare, Ladário e Tenente Melquiades de Jesus e a ladeira Dona Emília. A Vila Garcia, um conjunto de casas com padrão de classe média, foi construída exatamente no lugar onde ficavam alguns dos barracões de madeira da antiga favela, e hoje o conforto oferecido aos moradores é um contraste alarmante com o Beco da Morte, localizado a dois números ao lado, ou as ruínas de uma casa de alvenaria na última esquina da rua Delamare com a ladeira Dona Emília, via de acesso ao porto. No outro extremo, com portão de entrada pela rua 13 de Junho, foi construída a Vila Kassuf nos mesmos padrões.

O Beco da Morte, assim chamado por ser frequentado por usuários de drogas, corta de ponta a ponta as ruas Delamare e 13 de Junho. Na extremidade com a rua 13 de Junho há um ponto de venda de drogas onde jovens se revezam em plantões, e já não se incomodam com a passagem de viaturas policiais. “Eles nos conhecem, fazem o trabalho deles e nós fazemos o nosso, respeitamos quem passa por aqui, não incomodamos ninguém”, disse uma jovem durante abordagem. Muitos dos que passam por ali moram na Favelinha, um aglomerado de barracões de madeira e pequenas casas de alvenaria, às quais se tem acesso por vielas, no final da rua 13 de Junho.

Uma das propostas deste trabalho é demarcar e reconfigurar aquela área nos limites das ruas Delamare e 13 de Junho como a ex-favela Sarobá, incluindo-a como parte do roteiro turístico e patrimonial de Corumbá e de análises para futuro tombamento, de modo que possa ser incorporada à área de preservação e conservação patrimonial do Centro Histórico do Município. A proposta de criação da área do Centro Histórico, feita pela Fundação de Cultura e do Patrimônio Histórico de Corumbá, tem como limite a rua Ladário e não envolve o último quarteirão da rua Delamare, justamente onde ficava a favela Sarobá.

Este estudo vem se incorporar a outras campanhas no sentido de identificar e divulgar as obras do poeta Lobivar Matos e ressignificar o ex-bairro de negros como patrimônio histórico cultural da cidade. Nesse sentido, o teatrólogo e pesquisador corumbaense Salim Haqzan lançou em 2004 um movimento de divulgação que culminou no ano seguinte com a publicação de uma

edição especial do tablóide Sarobá. As palestras de Haqzan repercutiram em Campo Grande, onde o grupo de Teatro Imaginário Maracangalha, com seu apoio, montou o espetáculo Areôtorare e passou a promover o sarau Sarobá.

Lobivar Matos hoje é um nome reconhecidamente importante e base de pesquisas no meio acadêmico, que o aponta como pioneiro do modernismo no Estado e vê na expressão “poeta desconhecido” apenas uma alcunha criada pelo autor nos anos 30 quando procurava se projetar como escritor no cenário literário do País, envolto naquele período pelo regime ditatorial de Getúlio Vargas. A alcunha perdeu sentido na medida em que autor e obras tornaram-se relevantes nos núcleos acadêmicos e seu nome passou a denominar a biblioteca municipal em Corumbá.

Na Coleção Obras Raras de Mato Grosso, em sete volumes, editada pela Unemat em 2008, o historiador Carlos Gomes de Carvalho tece uma retrospectiva crítica das obras Areôtorare e Sarobá de 1935 e 1936 no artigo “Um precursor precoce e rebelde”, lembrando que um poeta contemporâneo, Manoel de Barros, só iria lançar seu livro um ano depois.

Em A vida e a obra de Lobivar Matos – o modernista (des)conhecido, tese de doutorado de 2009 transformada em livro em 2014, a pesquisadora e professora Susylene Dias Araújo traz dados que revelam “uma obra fecunda, digna de um intelectual versátil em plena atuação artística no Brasil os anos 1930”. Nesse percurso, procura “evidenciar a obra como o legado ético e estético de um autêntico modernista”.

De fato, torna-se dispensável traçar paralelo entre a repercussão das obras de Lobivar, que se recuse a dois livros publicados em 32 anos de vida, com Manoel de Barros, que viveu até aos 97 anos e cujas obras permanecem no topo das mais vendidas nos principais sites e livrarias. Basta lembrar que Barros começou a se projetar nacionalmente como autor a partir dos seus 73 anos, ao conquistar o primeiro Prêmio Jabuti com O guardador de águas em 1989. O segundo prêmio Jabuti viria em 2002 com O fazedor de amanhecer. São 34 títulos e 13 prêmios registrados pelo autor cuiabano.

É correto afirmar que Lobivar não conseguiu a mesma projeção que Manoel de Barros em Mato Grosso do Sul. Mas quem conseguiu o mesmo retorno midiático que o autor cuiabano, cujas poesias ganharam ilustração de Ziraldo e foram musicalizadas por Márcio de Camillo? Conclui-se, porém, com base nos levantamentos de estudos acadêmicos, que Lobivar tem, a cada ano que passa, despertado crescente interesse em núcleos de pesquisas da UEL, Unemat,

Unesp, UFMT, UFMS e UFGD. Essas pesquisas proporcionam o surgimento recente de novos trabalhos de autores acadêmicos em torno das obras do poeta corumbaense.

Constata-se que carece a Lobivar uma reprodução de seus dois livros e a edição de suas obras arquivadas. Renda de Interrogações, escritos inéditos em poder da família do autor, reúne 44 poesias, dividido em quatro partes e datado de 1933, portanto, anterior à publicação de Areôtorare e Sarobá, além de uma seleção de 13 contos.

As obras de Lobivar tornaram-se domínio público a partir de 1º de janeiro de 2018, ou seja, o ano subsequente aos 70 anos da morte do autor, de acordo com o que determina a Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98), o que permite livremente a reprodução de Areôtorare e Sarobá. Dois exemplares, um de cada título, compõem o acervo da Biblioteca Municipal Lobivar Matos, na rua Delamare, região central de Corumbá, e só podem ser consultadas no próprio recinto. A reedição aumentaria o interesse e facilitaria o acesso aos professores, que são formadores de opinião, empenhados em trabalhar com as obras junto aos alunos. O acesso se estenderia à família, que também é formadora de leitores.

Este trabalho concluiu ainda que a Biblioteca Municipal Lobivar Matos, reinaugurada em setembro de 2019 na rua Delamare, de volta ao prédio em que foi criada em 1948, carece de instalações para atendimento adequado aos usuários, como recepção isolada da sala de pesquisa, climatização e acessibilidade. Nesse aspecto, sempre no sentido de priorizar o patrimônio histórico cultural e tratá-lo como herança da humanidade, propõe-se aqui a construção de um prédio próprio para o acervo de 17 mil livros.

No tocante aos seguidores literários, com ênfase na crítica social e retomada de personagens, observa-se traços nas obras da escritora, desenhista e artista plástica Marlene Mourão, a Peninha, autora das tiras de HQ e do livro Mariadadô. Do mesmo modo foi possível traçar intertexto entre as obras do poeta pantaneiro Chumbo Grosso, autor de Nas entranhas do Pantanal, com a poética lobivariana, na representação do homem pantaneiro, suas crenças e costumes. Além deles, coube mencionar e avaliar as obras do rapper e grafiteiro Marcos Gonzaga, participante das Batalhas de Poesia, e do poeta e ativista cultural Benedito C.G. Lima, conforme análise poética e intertextualidade apresentada no Capítulo 2.1 A poesia social de Lobivar e seus seguidores quase desconhecidos.

. Diante dos resultados apurados neste trabalho, como proposta de ação, livretos serão publicados em formato artesanal, tendo como meta a distribuição dessas obras em escolas e

faculdades, institutos e bibliotecas, como suporte interdisciplinar aos estudos e pesquisas de estudantes sobre a poesia na fronteira Brasil-Bolívia.

O livreto conterá poemas e prefácios de autoria de Lobivar Matos, com resenha crítica, e trabalhos dos autores contemporâneos citados, com edições voltadas para a distribuição nas escolas da rede pública e particular da rede de ensino das cidades de fronteira, Corumbá, Ladário, Puerto Quijarro e Puerto Suarez.

Este trabalho traz ainda em seu bojo a tentativa de reacender a chama do homem e da mulher fronteira que existe em cada um de nós que partilhamos o desejo de tornar o mundo melhor e mais justo por meio da educação e da arte literária, tomando a fronteira como entrelugar de troca de ideias e saberes culturais, para se aprender a respeitar o outro. Lobivar fez a “lição de casa”, como definiu Barzotto. Cabe agora fazermos a nossa parte.

5. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, José Lindomar C.. **A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos ‘brasiguaios’ entre os limites nacionais**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2009
- ARAUJO, Susylene Dias de. **A vida e a obra de Lobivar Matos: O modernista (des)conhecido**. Campo Grande: Editora Life 2014.
- ARCE Ionaldo José. **Corumbá e Apelidos**. Campo Grande: Gráfica e Editora Pantanal, 2017
- ARF, Lucilene Machado Garcia. **Registro da poética fronteiriça urbana na obra de Pedro de Medeiros**, Corumbá, Revista GeoPantanal, UFMS/AGB, N. Especial 107-118, 2017
- BARROS, Manoel de. **Poemas concebidos sem pecado**. Rio de Janeiro: Record, 1999; São Paulo: Leya, 2005.
- BARZOTTO, Leoné Astride. **Batuque chiando no terreiro: a presença africana na literatura de Lobivar Matos**. Dourados: Estudos Literários da UFGD, 2012.
- BEAUNE, Jena-Claude. **Antropologia dos círculos técnicos**. Lyon: Champ Vallon, 2009.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura – Algumas Considerações**. Goiás, Revista de Teoria da História: Universidade Federal de Goiás, 2010j.
- CAMPOS, Lucilene Lemos de. Rodrigues, Rauer Ribeiro. **Camalotes, Sarobás e poemas sem pecado: o intertexto das figuras populares na obra de Manoel de Barros**. Campo Grande: Série Fronteiras, Mestrado de Estudos Fronteiriços, CPAN/UFMS, 2010
- CANCIAN, Elaine. **A cidade e o rio – Escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza – o caso de Corumbá (MS)**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2006
- CARVALHO, Carlos Gomes de. **Obras raras de Mato Grosso**. Cuiabá: Editora Unemat, 2008.
- CASTRO, Alceste de. **Literatura Corumbaense**. Corumbá: s/ed., 1981

CHARTIER, Roger. **Literatura e História**. Rio de Janeiro: Topoi, 2000.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

COUTINHO, Dolores; Rodrigues, Ana Cristina; Dal Moro, Natani; Martins, Deisi. **Pedro de Medeiros: vida e obra de um poeta pantaneiro**. Campo Grande, UCDB, 2016

FONSECA, Regina Baruki; Baruki, Terezinha; Urt, Nelson, orgs. **Baruki 100 anos de história – Memórias da família em Corumbá**. Campo Grande: Life Editora, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as práticas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

GUIZZO, José Octávio. **Lobivar de Matos: a ilusão e o destino do poeta desconhecido**. Grifo, n.5, p.57-60, 1979.

HARTOG, François. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1996.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Rio de Janeiro, Vozes, 2002

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

LICETTI, Luiz Fernando Rodrigues. **Paixão e morte no bordel**. Ladário: Maria Preta Cartonera, 2018.

LIMA, Acelino Ferreira. **Nas entranhas do Pantanal – versos e trovas de Chumbo Grosso**. Ladário, 2015. Editora: não consta.

LIMA, Benedito C.G. org. **Poetas do Café Literário**. Corumbá: Gráfica e Editora Brasília, 2015.

LIMA, Benedito C.G; Carretoni, Germano. **Florilégio da Esperança**. Corumbá: JAC Editora, 2017.

MACHADO, Lia Osório. **Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade**. **Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade**. Rio Janeiro: Revista Território, 2000.

MATOS, Lobivar. **Areôtorare**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1935.

MATOS, Lobivar. **Sarobá**. Rio de Janeiro: Minha Livraria, 1936.

MOISÉS, Massaud, **Dicionário de termos literários**. São Paulo, Editora Cultrix, 2004

MOURÃO, Marlene Terezinha. **Azul dentro do banheiro**. Dourados: Arrebol Coletivo, 2019

MOURÃO, Marlene Terezinha. **Mariadadô**. São Paulo: Scortecci Editora, 2012

MOURÃO, Marlene Terezinha. **Pacu era um peixe que vivia feliz nas águas do rio Paraguai**. Campo Grande: Editora UFMS, 2002

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. **Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos**. Campo Grande: Editora UFMS, 2005

PINTO, Júlio Pimentel. **A leitura e seus lugares**. São Paulo. Estação Liberdade, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Editora Ática, 1993.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, Luís Filipe. **Geometrias do Imaginário**. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000.

ROCHA, Eunice Ajala. **O processo de emancipação dos escravos na Vila de Santa Cruz de Corumbá, 1873-1888**. Cuiabá: Revista Dimensão UEMT/CPC; Corumbá (UFMS/CEUC), 1975-1977

ROSALES, Alicia Viviana Mendez. **Poetize-se**. São Paulo: Editora Futurama, 2018.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

SERRA, Ulisses. **Camalotes e Guavirais**. Campo Grande: Academia Sul-mato-grossense de Letras, 2004.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017

SOUSA, Jorge Prata de. **Escravidão ou Morte: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: ADESA, 1996.

URT, Nelson. **Além do Sarobá**. Ladário: Maria Preta Cartonera, 2019.

ANEXOS

ANEXO 1 – REPORTAGEM: MARIADADÔ



MARIADADÔ RETRATA MULHER PANTANEIRA 'POBRE E MANDONA'

JOTA ETCHEVERRIA
Blog Nave Pantanal



Mariadadô, o Livro será lançado em segunda edição em 2020. Reunindo tiras de HQ criadas pela escritora e desenhista Marlene Mourão, a Peninha (foto), a obra conta agora com apoio do Fundo de Incentivo à Cultura (FIC) da Fundação de Cultura de Corumbá, e terá 1000 exemplares. A personagem Mariadadô foi criada por Peninha em 1979 para o lançamento da revista Grifo (Editora Matogrossense), de Campo Grande, hoje extinta. As tiras ficaram no baú por muito tempo até voltarem a ser publicadas em 2007 no Diário Corumbaense. "Criei Mariadadô baseada na mulher pantaneira, por isso tem o sotaque da nossa região, fala doss, tress", disse Peninha, em entrevista ao blog Nave Pantanal em 2019. "Tem a soma do nome de Maria, que é universal, com das Dores".

Como você define o perfil de Mariadadô?

Ela está sempre barriguda, sempre esperando neném. E a gente não sabe quantos filhos ela tem. Já coloquei até treze, catorze (filhos) na tirinha. Para passar a ideia de que todo o ano o pobre tem filho.

Retrata então uma pessoa pobre?

Sim, pobre e simples, e que tem de tudo, tem alegria. Ela é uma mandona. Manda nos filhos, manda no marido, ela tem sempre a última palavra. Por isso é que as pessoas falam que parece a Helô Urt (ex-presidente da Fundação de Cultura, falecida em 2011), e no fundo parece mesmo. Há muitos relatos sobre a Helô nesse sentido, do que ela fez pelas pessoas. Quase todos os dias eu ouço esses relatos. Do simples fato de emprestar livros para a pessoa fazer concurso. Mulher que não vivia bem com o marido ela aconselhava sempre estudar para ter seu emprego. As pessoas a seguiam e se davam bem. Abria a cabeça das pessoas. Ajudava a se autoafirmar.

Mariadadô tem alguma relação com Maria Bolacha, figura popular retomada no livro de Lobivar Matos?

Não está relacionado. Não conheço personagens do Lobivar. Conheço alguns poemas dele. É só coincidência. Coloquei Maria e José, porque o marido de Mariadadô chama-se José Antonio, que virou Zétoin. Então é uma homenagem para as Maria e José. Maria é o nome mais comum que tem, mais representativo. Eu mesmo sou uma Maria, Maria e Helena que vira Marlene. E tenho o pseudônimo de Marzinha, que vem de Maria e Terezinha.

ANEXO 2 - POESIA: MARIA PRETA

MARIA PRETA**Gilmar Fernandes Martins**

Outro dia lembrei-me de Maria Preta
 Andarilha livre das ruas de Corumbá
 Conhecidíssima.
 Mais conhecida que as pessoas mais importantes de Corumbá.
 Ícone corumbaense.
 Divide com inúmeros personagens o domínio folclórico da
 cidade: Lili Tiroteio, Pega Polícia, Tatá, Kaká e tantos outros
 que encantam e encantaram a cidade.
 O povo jamais irá esquecê-los.
 Maria Preta está no comando
 Suas sandálias rasgam este pedaço da fronteira
 Suas bagagens repletas de tudo e nada
 Sua face linda que tanto tem a dizer
 Maria Preta é poesia em movimento
 Ensina-nos a ser tudo, sem que tenhamos nada
 Ensina-nos!
 Sob a única árvore a ela ofertada
 Derruba suas vestes, sua força, sua alma e seu amor
 Ali passa o resto da tarde
 Esperando, esperando, esperando
 E não adianta tentar encontrá-la, isso é impossível
 Maria Preta surge repentinamente
 Empurrando seu carrinho de mercado
 Carregando uma história sem nome
 Entregando nas portas das casas sua vida
 Maria Preta é uma grande corumbaense
 Deve-se respeitá-la e amá-la
 Pode-se vê-la ao longe, no início ou no fim da rua
 Vagarosamente
 Desfilando sua pele negra sob o sol. (MARTINS, 2015)

ANEXO 3 – POESIA: QUEM DISSE QUE SOU NEGRO?

QUEM DISSE QUE SOU NEGRO ?

Benedito C. G. Lima



Quem disse que sou negro? Pode crer se enganou!
 Negro é aquele irmão que veio da África Acorrentado,
 amordaçado e separado da família; Negro é aquele
 que debaixo do açoite Chorava baixinho nos porões
 fedidos dos navios; Negro é aquele que foi arrematado
 no Rio de Janeiro; Negro é Machado de Assis Vulto
 histórico de valor

II

Quem disse que eu sou negro?
 Certamente não pensou!
 Negro é aquele que povoava as senzalas
 Que nas ruas de São Paulo vendia quitutes
 Que faiscava ouro nas Minas Gerais;
 Que à noite tocava batuque
 Buscando mais força que nos Orixás
 Pra poder se esquecer de sua dor;
 Negro é o grande Cruz e Souza
 Cisne Negro – de poemas um cantador!

III

Quem disse que eu sou negro?
 Pensamento embaralhou!
 Negro é aquele que após a Lei Áurea Foi ocupar os
 muros e a sarjetas;
 Negro é aquele que se travestiu nas cores
 Da miscigenação: cafuzo, mameluco, mulato Negro é
 aquele que fugiu aos pares
 Que enfrentou capitães-do-mato.

Negro era dizer mesmo a verdade...
Foi o grande Zumbi dos Palmares!

IV

Quem disse que ou negro?
Minha gente, nem falou!
Negro é aquele crioulo que faz samba!

Negro é o pardo que carrega o fardo
de perna bamba!

Negro é aquele do saravá e do vatapá
Negro é aquele que constituiu o Brasil
Com sua força e que misturou as raças!
Negro – desperta desse sonho febril

E assumo o seu lugar. Ponha atitude! Mostre
o valor da negritude
Quem disse que sou negro
Eu replico, sim senhor
Sou um afrodescendente
Quero ser libertador! (LIMA, 2009)

ANEXO 4 – POESIA: REFLEXÃO

REFLEXÃO

Marcos Gonzaga



Ces fala que luta pela correção do errado tão engraçado.
 Personificação de branco é deus,
 e personificação de preto é o diabo, maldito e odiado.
 Mesmo que os templos se transformem em ruínas,
 um espírito ainda vive.
 A enfurecida afronta quem roda em umbanda,
 mas faz simpatia e pula 7 ondas no ano novo.
 Pô, doutô, na sua empresa não me encaixo de novo?
 Luta pelo preconceito, acha preto bonito, mas só os que na vitrine, sim, ainda
 quero se aceito, porque enquanto um de nós for escravo nenhum de nós será
 livre.
 Negros descendem de reis, deuses e de raízes próprias.
 A história foi mal contada, e ainda tenho de agradecer uma princesa?
 Aí, não, né. É até mais fácil pra vocês dizer que somos os amaldiçoados de
 Noé.
 Odeiam a gente no poder, tanto quanto odeiam o poder que a gente tem.
 Aí ser livre para mim é nadar os 7 mares ao lado de Iemanjá.
 Pelo menos meu poema é livre, sem luta tu não chega a lugar nenhum, e tenho
 orgulho de dizer que sou filho de Ogum. (GONZAGA, 2018)

ANEXO 5 - A MENDIGA E O ANDARILHO

Trecho final da Conclusão da Dissertação da Prof. Luciene Lemos de Campos no Mestrado em Estudos Fronteiriços (2010)

Entendemos que a poesia de Barros evoca os despossuídos até transformá-los, nas figuras da mendiga e do andarilho, em arquétipo de sua mitologia pessoal, com o que elabora crítica à sociedade consumista e capitalista do século XX. Manoel de Barros capta o mundo, como se tivesse antenas de formiga. Pode ter ou não vivenciado determinadas experiências que inventa, mas delas se apodera como se fosse sua. A matéria-prima de sua arte é a própria vida-pintura-cores-traços-imagens-palavra-mendiga-andarilho-fronteira-poesia.

ANEXO 6 - TRECHOS DA ENTREVISTA DE HAROLD BLOOM À REVISTA ÉPOCA

Luís Antônio Giron

15/11/2013

O americano Harold Bloom é o crítico literário mais importante do último meio século. Nos anos 1970, ficou famoso pelo ensaio *A angústia da influência*, livro que se tornou essencial para acadêmicos e para o leitor que se dispõe a conhecer o sofrimento dos poetas para se afirmar sobre seus antecessores. Os conceitos de Bloom se tornaram populares e passaram a ser usados em toda parte. Entre as expressões que seu ensaio divulgou, muitas se converteram em jargão: “desleitura”, “cânone ocidental” e “poetas fortes e fracos” são bons exemplos. A fama não fez com que Bloom se acomodasse. Continua a produzir “furiamente”, como diz. Apesar de ter 83 anos* e de estar aposentado como professor emérito da Universidade Yale. Bloom interrompeu seu trabalho para falar a ÉPOCA, por telefone, na semana passada, de seu apartamento em New Haven, Connecticut – onde mora com Jeanne Gould, com quem é casado há 54 anos –, sobre seu livro mais recente, *A anatomia da influência – Literatura como modo de vida* (Objetiva, 460 páginas, R\$ 49,90), publicado em inglês em 2011 e agora no Brasil. O livro retoma e reformula os conceitos de *A angústia da influência*.

Publicado em janeiro de 1973, *A angústia da influência* é uma tentativa de explicar a influência entre poetas como algo fora da história e da ideologia. Cada poeta, forte ou fraco, diz, vale-se de uma maneira pessoal e inconfessável de assimilar seus antepassados poéticos. “Até hoje, dizem que minha teoria é derivada do complexo de Édipo de Freud, pois os poetas combatem a imagem do pai”, afirma. “Não tenho influência de Freud, nem naquele tempo nem agora. Os poetas para mim são pré-freudianos. Se eles têm algum complexo, é o complexo de Hamlet. Pois, como o Hamlet de Shakespeare, querem concorrer com a imagem do pai.”

Hoje, eu daria ao meu primeiro ensaio um título parecido com a tradução em português: ‘A angústia da contaminação’. O termo ‘ansiedade’ é fraco para expressar o ímpeto dos poetas que querem se impor sozinhos, apesar de sentir a influência dos demais. É a inveja criativa que leva o poeta a emular o antecessor. Penso em Fernando Pessoa, influenciado por Luís de Camões e Walt Whitman. Ele sofria com isso, mas conseguiu impor sua genialidade.”

Em *A anatomia da influência*, Bloom fornece uma visão mais sutil da luta poética. “Minha visão de influência se alterou. Defino-a agora como o amor literário”, diz. “O amor é a grande influência. Mas um amor que os poetas usam de maneiras diversas, para se defender da força

dos poetas antecessores. O amor é uma força necessária para compreender o funcionamento da alta literatura.”

(*) Aos 89 anos, Bloom continua morando em New Haven, Connecticut, e dando aulas em duas universidades.

ANEXO 7 – MAPA TURÍSTICO



Mapa do roteiro turístico dos Condutores Mirins de Corumbá. Fonte: Fundação de Turismo de Corumbá

ANEXO 8 – FOTOGRAFIAS: BECO DA MORTE





Beco da Morte ou Beco do Borrowski: último quarteirão da rua Delamare, na área da antiga favela Sarobá. O beco se liga com a rua 13 de Junho na outra extremidade. (Fotos registradas em 15/08/2019)

ANEXO 9 – FOTOGRAFIAS: PRÉDIO ABANDONADO



Prédio abandonado no último quarteirão da rua Delamare, área da antiga favela Sarobá (Fotos registradas em 15/08/2019)

ANEXO 10 – FOTOGRAFIA: BIBLIOTECA MUNICIPAL LOBIVAR MATOS



Biblioteca Municipal Lobivar Matos: acervo retornou em 2019 às suas origens, no prédio do Espaço Educacional, rua Delamare, após interdição do prédio do Instituto Luiz Albuquerque (ILA) na Praça da República

ANEXO 11 – REPORTAGEM BLOG NAVE PANTANAL

Salve o Sarobá! Biblioteca Lobivar é reaberta ao público.

22/08/2019

Nelson Urt/Navepress

Quem anda a procura de livros, principalmente aqueles com histórias da nossa região e suas figuras populares, já pode recorrer à Biblioteca Municipal Lobivar Matos, que teve as portas reabertas na rua Delamare, entre a Major Sertório e a Firmeza de Matos, no centro de Corumbá. Na verdade, a biblioteca está de volta às origens, pois desde sua inauguração, em 1948, aquele prédio lhe pertencia. Lá dentro podem ser consultados os dois únicos e raros livros publicados por Lobivar: *Areôtorare* (1935) e *Sarobá* (1936), este com poesias e personagens sobre uma favela de negros formada em Corumbá no período

pós-abolição. Só essas duas obras bastam para agregar um rico acervo, mas há muitas outras. O acervo contém 30 mil itens, entre livros, revistas e jornais.

A biblioteca foi reaberta ao público neste começo de agosto, após seis meses sem funcionar. Nela, além das obras de Lobivar, podem ser encontrados livros referências na história regional de autores como Manoel de Barros, Pedro de Medeiros, Valmir Corrêa, Augusto César Proença, Benedito C. G. Lima. Há um raro exemplar de Sopa Paraguaia, livro de crônicas e poesias do escritor ladarense João Lisboa de Macedo, além de jornais e revistas do século passado.

Com as cada vez mais constantes anomalias econômicas, políticas e sociais destes tempos nebulosos, os livros, acreditem, foram deixando de ser prioridade para uma certa classe dominante, e a biblioteca acabou perdendo seu espaço. O salão passou a ser destinado a outros setores administrativos ligados à Educação, e ficou conhecido como Espaço Educacional. Foi sede do Cartório Eleitoral e passou uns tempos nas mãos da IFMS. Enquanto isso, a cidade ficava com uma biblioteca municipal sem-teto, provisória e itinerante.

A biblioteca chegou a funcionar no andar térreo do Grande Hotel de Corumbá, onde se instalou por um período a Fundação de Cultura, presidida por Helô Urt. Os demais blocos do Grande Hotel estavam desabitados e interditados pela Defesa Civil.

Meu primeiro contato com as obras de Lobivar Matos foi por meio de Helô, uma apaixonada pelo poeta corumbaense e grande incentivadora da biblioteca fundada em 1948. O acervo ganhou o nome de Biblioteca Municipal Lobivar Matos em 1975, por meio de lei estadual no então Mato Grosso, portanto, antes da divisão do Estado.

Helô me contou que seu sonho era ver o Grande Hotel um dia revitalizado para se tornar a grande sede da cultura no centro de Corumbá, assim como são o Centro Cultural Luiz Otávio Guizzo e o Centro Cultural da avenida Fernando Correa em Campo Grande.

Quando o prédio inteiro do Grande Hotel foi interditado pela Defesa Civil, por questões de segurança, a biblioteca passou uma temporada em uma sala do prédio da Missão Salesiana, na rua Dom Aquino. Seguindo sua peregrinação, foi transferida para o prédio histórico do Instituto Luiz Albuquerque, na esquina da rua Antônio Maria com a Praça da República. Um dos primeiros conjuntos arquitetônicos construídos em Corumbá, há 148 anos, o ILA já necessitava naquela época de uma revitalização, mas faltavam projetos e recursos para isso.

Em 2014 o prédio do ILA passou por uma reforma emergencial no telhado, que estava caindo. Outros reparos foram feitos nas instalações elétricas. Mesmo deteriorado, o prédio abrigou por longo tempo

a sede da Fundação de Cultura, com salas ocupadas pela Biblioteca Municipal Lobivar Matos e o Museu Regional. Durante o Carnaval e o Banho de São João as salas serviam como oficinas de montagem. Ali costumavam-se as fantasias do Bloco dos Palhaços e da Ala das Pastorinhas.

E enquanto isso o teto desabava gradativamente, o piso apodrecido de madeira das salas e escadas cedia, num caminho sem volta para a deterioração. O ILA é um dos prédios históricos contemplados para revitalização completa com recursos da União do PAC Cidades Históricas. Mas até este mês de agosto de 2019, acreditem, o projeto de revitalização ainda não foi concluído pelos órgãos públicos responsáveis – Estado, Prefeitura e IPHAN – e, portanto, os recursos não foram liberados pelo governo federal.

O resultado foi a interdição do prédio, por decisão da Prefeitura de Corumbá, após Ação Civil Pública movida pelo Ministério Público Federal (MPF). Na verdade, o MPF quis acelerar o processo, exigindo da administração pública que fossem tomadas medidas urgentes em atenção à segurança do prédio, seu acervo e funcionários. Com tanto material inflamável, era constante o risco de incêndio e de desabamentos do teto.

Dessa forma, o acervo da Biblioteca Lobivar Matos é agora transferido para o Espaço Educacional, que por sua vez precisa passar por readequações e reformas – os dois aparelhos de ar-condicionado estão quebrados - constatamos isso nesta semana ao entrar na biblioteca.

Serviço – Biblioteca Municipal Lobivar Matos, rua Delamare, 1557, Centro, prédio do Espaço Educacional, entre as ruas Major Gama e Firmo de Matos. Aberta ao público de segunda a sexta das 8h às 17h.

Postado por [Nelson Urt](#) às [10:18](#) 22/08/2019

ANEXO 12 – FOTOGRAFIA – LIVROS AREÔTORARE E SAROBÁ



As duas obras de Lobivar Matos fazem parte do acervo da Biblioteca Municipal

ANEXO 13 – FOTOGRAFIAS: RETRATOS DE LOBIVAR MATOS



Fotografia de 1940 publicada na página 59 da revista Grifo, de Campo Grande-MS, ilustra a reportagem “Lobivar Matos – A ilusão e o destino do poeta desconhecido”, do jornalista José Octávio Guizzo.



Neste retrato, Lobivar Matos transcreve seu primeiro poema publicado em jornal: “Corumbá deslumbrante. Dorme na harmonia. O teu sono infinito. Nas rochas de granito. Sob a luz sombria do calor.” (MATOS, 1932)

ÍNDICE

Folha de rosto	2
Agradecimentos	4
Resumo	6
Abstract	7
Sumário	8
Introdução.....	9
1. Lendas boróros e ex-escravizados no foco do autor.....	12
1.2 O Sarobá contemporâneo: venda de drogas e quilombola.....;	19
2. Literatura da fronteira reconstrói personagens.....	26
2.2 Das Marias da poesia de Lobivar à literatura contemporânea.....	34
2.3 Modernista, Lobivar optou por descrever drama dos desgraçados.....	40
3. Biblioteca Lobivar Matos: patrimônio cultural ameaçado.....	45
4. Conclusão e propostas de ação.....	47
Referências	50
Anexos	51
Anexo 1 – Reportagem: Mariadadô.....	52
Anexo 2 – Poesia: Maria Preta	53
Anexo 3 – Poesia Quem disse que sou negro?.....	54
Anexo 4 – Poesia: Reflexão.....	55

Anexo 5 – Trecho de dissertação: A mendiga e o andarilho.....	56
Anexo 6 – Trecho de entrevista com Harold Bloom.....	56
Anexo 7 – Mapa Turístico com antiga área do Sarobá.....	57
Anexo 8 – Fotografia: Beco da Morte.....	58
Anexo 9 – Fotografia: Prédio abandonado.....	59
Anexo 10 – Fotografia: Biblioteca Municipal Lobivar Matos.....	60
Anexo 11 – Reportagem: Blog Nave Pantanal.....	66
Anexo 12 – Capas de livros Areôtorare e Sarobá.....	69
Anexo 13 – Reprodução de retrato de Lobivar Matos.....	70
Índice.....	72